

ANA LUÍSA DOS SANTOS CRISTOVÃO

2011113554

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
BÁSICA E SECUNDÁRIA QUINTA DAS FLORES JUNTO DATURMA 10º C NO
ANO LETIVO 2015/2016**

Relatório de Estágio apresentado à
Faculdade de Ciências do Desporto e
Educação Física da Universidade de
Coimbra com vista à obtenção do grau de
mestre em Ensino de Educação Física
nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Mestre Paulo Nobre

Coimbra

2016

Esta obra deve ser citada como:

Cristóvão, A. (2016). Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Básica e Secundária Quinta das Flores junto da turma C do 10º ano, no ano letivo 2015/2016. Motivação dos alunos federados/ex, federados nas aulas de educação física: estudo desenvolvido no 9º ano de escolaridade. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE DO DOCUMENTO

Eu, Ana Luísa dos Santos Cristóvão, aluna nº 2011113554 do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no artigo 30º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de março de 2009).

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Paulo Furtado, por no decurso do ano letivo ter sido uma pessoa acessível, disponível, compreensiva, empenhada, pela partilha sabedoria e experiência. Ao Orientador da Faculdade Mestre Paulo Nobre por estar sempre presente, e pela orientação no percurso e disponibilidade demonstrada, e com proximidade para com os estagiários.

A professora Rosa Duarte, pelos conhecimentos transmitidos, pela ajuda, colaboração e orientação no trabalho de acessória ao cargo de diretor de turma. Aos meus colegas de estágio Carla Cristóvão, Diogo Pedrosa, Hélder Gonçalves e Marcelo Mendes por todo o apoio, amizade, entajuda e companheirismo demonstrado ao longo do ano quer nas aulas quer nas diversas atividades de estágio.

Aos meus pais pela motivação e carinho que me transmitiram e pelo facto de me terem possibilitado o prosseguimento de estudos apoiando-me sempre em todas a minhas decisões, que visavam a minha realização pessoal e profissional. Aos meus colegas e amigos, que se demonstraram disponíveis, flexíveis e compreensivos em momentos meus menos bons. Aos amigos mais próximos que compreenderam, apoiaram e estimularam todo o meu percurso. Ao meu namorado, pelo apoio incondicional, incentivo e ajuda ao longo desta caminhada, sempre presente. Aos professores da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física Universidade de Coimbra que estiveram envolvidos na minha aprendizagem e desenvolvimento humano, orientando-me para aquilo que sou hoje como pessoa e profissional.

Aos alunos com quem trabalhei pela disponibilidade demonstrada e por me terem proporcionado momentos de divertimento e aprendizagem, e na concretização de objetivos.

RESUMO

O presente documento constitui o Relatório Final de Estágio Pedagógico reproduzindo as aprendizagens conseguidas e as práticas realizadas no decurso da atividade como professora estagiária, na Escola Básica e Secundária Quinta das Flores, durante o presente ano letivo. O relatório refere-se ao 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, organizando-se em cinco secções, nomeadamente contextualização da prática desenvolvida; Análise da Prática Pedagógica; Realização/ Intervenção Pedagógica; Avaliação; Aprofundamento do tema problema.

Com este relatório procuramos explicitar todo o conhecimento e aprendizagens adquiridas, ao longo de um ano de prática pedagógica supervisionada, assumindo esta etapa como fundamental, com as práticas realizadas assumindo que esta etapa é fundamental para a formação de um professor. O relatório inclui uma abordagem e investigação sobre o tema “Motivação dos alunos federados/ Ex federados na Educação Física em alunos do 9º ano”. Os resultados apontam para que é provável que os alunos federados estejam mais motivados na aula de educação física, e que os mesmos gostem de ajudar os colegas.

Palavras-chave: Educação Física. Estágio Pedagógico. Alunos Federados. Reflexão. Aprendizagem.

ABSTRACT

This report is about pedagogical learning as a trainee teacher at Escola Secundária Quinta das Flores during the current school year.

The report refers to the 2nd year of the Masters in Physical Education Teaching in Primary and Secondary Education, in the School of Sport Science and Physical Education, University of Coimbra and is organized in five sections i) Context of practice, ii) Analysis of Teaching Practice, iii) Pedagogical Intervention, iv) Evaluation and v) School-based theme research.

The aim of this report is to reveal all knowledge and learning achieved in within a year of school supervised practice, a fundamental experience for teacher training. A school-based research was developed about the theme of motivation of federate student in PE classes, which aims to understand the motivation of the students/ former students in Physical Education until the 9th year of school. Data revealed that federated students might be more motivated in the classes, and that they might be more willing to help their colleagues.

Keywords: Physical Education. Teacher Training. Federated students. Reflection. Learning.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	ix
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	x
Introdução:.....	11
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA:	12
1.1 EXPECTATIVAS INICIAIS:	12
1.2 CARATERIZAÇÃO DO MEIO	14
1.3 CARATERIZAÇÃO DO GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA:	17
1.4 CARATERIZAÇÃO DA TURMA	17
2. ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	20
2.1 PLANO ANUAL	20
2.2 PLANEAR UNIDADES DIDÁTICAS	22
2.3 PLANEAR AULAS	23
3. REALIZAÇÃO/INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	24
3.1 INSTRUÇÃO	25
3.2 DEMONSTRAÇÃO	26
3.3 FEEDBACK	28
3.4 GESTÃO	30
3.5 CLIMA/DISCIPLINA	32
3.6 DECISÕES DE AJUSTAMENTO	33
4. AVALIAÇÃO	34
4.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA	35
4.2 AVALIAÇÃO FORMATIVA	35
4.3 AVALIAÇÃO SUMATIVA	37
4.4 AUTOAVALIAÇÃO	38
5.1 PRÁTICA SUPERVISIONADA	39
5.2 BALANÇO GLOBAL DO ANO LETIVO	40
6. APROFUNDAMENTO DO TEMA PROBLEMA	41
Conclusão	51

Limitações do estudo	52
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
Bibliografia:	54
Anexos	55

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Motivação nas aulas em que sou federado.....	45
Figura 2- Sentimento de utilidade na aula	46
Figura 3- Sinto que posso ajudar	47
Figura 4- Sinto-me aborrecido ao ajudar	47
Figura 5- Grau de concordância com a separação de alunos mais aptos dos menos aptos.	48
Figura 6- Grau de concordância com a junção de alunos mais aptos com os menos aptos.	48
Figura 7- Justificações para a separação entre os alunos mais aptos e menos aptos	49
Figura 8- Justificações para a junção dos alunos mais aptos com os alunos menos aptos	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-Atividades ano letivo	16
Tabela 2- Diagnóstico das UD.....	19
Tabela 3- Critérios de Avaliação	38
Tabela 4- Amostra intencional.....	43
Tabela 5- Caracterização da Amostra.....	44
Tabela 6- Modo de Ajudar	49

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1- Avaliação Formativa (exemplo).....	55
Anexo 2- Avaliação Diagnóstica (exemplo).....	56
Anexo 3- Avaliação Sumativa (exemplo).....	57
Anexo 4- Tema problema- Questionário final.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD- Avaliação diagnóstica

AF- Avaliação Formativa

AS- Avaliação Sumativa

EP- Estágio Pedagógico

EE- Encarregado de Educação

UD- Unidade Didática

Introdução:

Este relatório surge no último ano do Mestrado em ensino de Educação Física dos ensinos Básico e Secundário. Sendo a reflexão de todos os processos de planeamento, conceções e justificação de atividades, intervenção pedagógica e organizacional, bem como a avaliação e o controlo dos processos, bem como todas as atividades inerentes ao processo ensino-aprendizagem.

O estágio pedagógico permite uma primeira abordagem à prática profissional, é um processo de prática profissional autónoma, orientada e supervisionada, durante um ano letivo. Sendo o objetivo do professor promover o saber fazer, o saber julgar as suas ações didáticas e pedagógicas sempre orientadas e em comunicação com os seus pares e o seu orientador, criando situações de aprendizagem, pois as reflexões tem como finalidade a interpretação, o questionamento e a discussão. Facilitando a nossa passagem do pensamento académico, para o pensamento pedagógico.

O ano letivo foi uma “escola prática”, em que o professor perspetivou como objetivos gerais favorecer a integração dos conhecimentos adquiridos ao longo de 4 anos de formação inicial. Desenvolvendo atividades letivas e não letivas, considerando três grandes grupos de competências: competências de conceção, competências de realização e competências de avaliação.

Este documento está organizando em cinco secções, nomeadamente contextualização da prática desenvolvida; Análise da Prática Pedagógica; Realização/ Intervenção Pedagógica; Avaliação; Aprofundamento do tema problema.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA:

Neste capítulo apresentamos as nossas expectativas iniciais e traçamos a caracterização do contexto da prática pedagógica em que estamos inseridos.

1.1 EXPECTATIVAS INICIAIS:

A prática pedagógica é uma forma de aplicar os conhecimentos teóricos, devendo o professor aplicá-los à turma que tem na sua frente.

Inicialmente a expectativa foi muita, a nossa preocupação com as tarefas de Estágio, conduziu-nos a investigar, experimentar (própria, de outros profissionais e de colegas), rever a literatura existente, os programas nacionais de Educação Física, os documentos orientadores e na reflexão de todas estas informações com vista a seleccionar e adaptar as situações ao contexto real, aplicando os conhecimentos adquiridos, tentando continuamente aprender mais para estar sempre o mais informada possível, e, havendo muito espaço de trabalho em colaboração bem como a reflexão individual e reajustamento necessário ao processo de ensino.

Para atingir os objetivos devemos não só respeitar e valorizar as diferenças entre alunos, mas também entre professores e toda a comunidade educativa em prol de uma escola inclusiva tentando que os valores cívicos prevalecessem no decorrer da aula.

Assumimos assim, uma postura ativa e reflexiva, de responsabilidade perante o trabalho, disponibilidade para participar na vida da escola, adotando sempre um compromisso com as próprias aprendizagens e as aprendizagens dos alunos.

Ao longo de todo o estágio, fomos suprimindo as carências de formação, com o trabalho colaborativo, com os colegas de estágio assim como com os restantes docentes da área disciplinar e até de outras áreas. A troca de ideias e a reflexão individual e conjunta constituem os modos mais benéficos para podermos melhorar a nossa ação pedagógica, tendo em conta ainda a literatura. Adicionalmente comunicámos com os colegas a lecionar em outras escolas, pois estes poderiam transmitir-nos experiências pelas quais ainda não passamos e dar-nos o seu testemunho da forma como resolveram os seus problemas.

É necessário haver uma boa relação pedagógica com os alunos, para isso foi necessário conhecermos o contexto social da escola, e particularmente da turma, da

forma como esta funciona e da personalidade de cada aluno, e forma como se motiva para a prática da Educação Física.

Seguidamente, procurámos identificar as dificuldades reveladas pela generalidade da turma e identificar o nível dos alunos para posteriormente proceder ao trabalho específico e selecionar estratégias de diferenciação pedagógica, garantindo assim o sucesso na realização e na aprendizagem para todos os discentes.

Pois os melhores profissionais são aqueles que reconhecem os próprios erros, são capazes de identificar os seus pontos fracos e superá-los. Reconheço que inicialmente possuíamos algumas limitações no âmbito do ensino, por isso elaboramos uma lista que tenha tanto de geral (para abranger as mais diversas situações), como de específico (para identificar e colmatar situações concretas), com o propósito atingir os pontos fulcrais relativamente ao desempenho enquanto professor estagiário.

Como pontos fortes salientamos a nossa pro-atividade, empenho, dedicação, espírito de sacrifício, facilidade no trabalho em colaboração organização, fácil relação com todo o tipo de pessoas, bem conseguimos em todos os projetos com os quais nos comprometemos. Somos bastante responsáveis e esforçamo-nos constantemente por aprender e melhorar as nossas práticas pedagógicas. Somos também bastante persistentes para conseguir ultrapassar os obstáculos e as dificuldades que poderão existir.

As dificuldades apresentadas prendem-se na grande maioria com a pouca experiência profissional. Desta forma a lista abaixo mencionada, foi construída com base nos relatórios de aula e reflexões do nosso trabalho, e reuniões de estagiários e orientador:

- Défice de conhecimento das modalidades (teórico e prático);
- Dificuldades na escolha e seleção de exercícios adequados ao nível da turma;
- Incertezas da evolução da turma aquando a construção de progressões pedagógicas;
- Decisões de ajustamento;
- Metodologias de avaliação dos alunos (principalmente na avaliação sumativa e diagnóstica);
- Utilizar várias dimensões de feedback;

- Dificuldade na criação de um plano de aula ajustado às necessidades (prático e conciso);
- Dificuldade no posicionamento, pois com o cuidado de não estar de costas para a turma, prejudica na interação ou até mesmo na correção/feedbacks;
- Escolha de exercícios, que atinjam o objetivo e proporcionem gosto pela prática aos alunos;
- Efetuar mais demonstrações;

Como possíveis ameaças ao nosso desenvolvimento, posso enunciar a pressão associada a um primeiro contacto com o exercer da profissão, o facto de entrar num mundo quase desconhecido, que não sabemos como funciona e quais os cuidados que devemos ter, assim como a carga de esforço já previamente associada à realização do Estágio Pedagógico. Este ano afigurava-se um ano de muita responsabilidade e seriedade, que envolve a realização de um elevado número de documentos e a tomada de inúmeras decisões, com a dedicação de períodos de tempo consideráveis, a conciliar com as restantes atividades profissionais e pessoais. Por outro lado, o estágio foi desde logo visto também como uma oportunidade de saber lidar com grupos grandes.

Nós tivemos sempre uma perspetiva formadora e com ênfase na reflexão, promovendo assim a qualidade do ensino e garantindo as aprendizagens dos alunos. De forma a concretizar estas expectativas, procuramos aplicar tudo o que aprendemos ao longo da nossa formação, planeando as aulas com base na reflexão das aulas.

1.2 CARATERIZAÇÃO DO MEIO

A Escola Básica e Secundária Quinta das Flores localiza-se no interior do tecido urbano de Coimbra, na freguesia de Sto. António dos Olivais. Conta com 30 anos de funcionamento e inicialmente foi, devido à sua localização, considerada uma escola de periferia. Situa-se hoje, no entanto, numa das zonas citadinas de maior desenvolvimento e crescimento demográfico, sendo servida por uma boa rede de acessos. A partir de 2010/2011, a escola foi sujeita a obras de ampliação e a uma reorganização global do seu espaço, de modo a permitir a integração da, agora designada, Escola Artística do Conservatório de Música de Coimbra. Esta comunhão de espaços físicos possibilitou o aumento da oferta educativa de ensino artístico, o

que constitui, em si mesmo, uma marca diferenciadora da Escola Básica e Secundária Quinta das Flores.

Para a prática desportiva, a escola dispõe de:

- Instalações desportivas Cobertas: 1 Pavilhão, 1 Campo, 1 Sala de ginástica.
- Instalações Descobertas: 1 Campo desportivo, 1 Pista de atletismo.

No Ensino Secundário a escola tem uma oferta diversificada de Cursos Científico Humanísticos: Ciências e Tecnologias (CT); Artes Visuais (AV); Ciências Socioeconómicas (CSE); Línguas e Humanidades (LH). Oferece, ainda, os seguintes Cursos Profissionais: Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos (TGEI); Técnico de Apoio à Gestão Desportiva (TAGD); Técnico Auxiliar de Saúde (TAS); Profissional de Instrumentista de Jazz (PI Jazz).

Visando o enriquecimento curricular, a escola dinamiza um conjunto de clubes e projetos diversificados, como o Clube Europeu, o Parlamento dos Jovens, intercâmbios bilaterais no âmbito do Projeto Comenius, Grupo de Teatro Hybris, Clube de Cinema, Clube de Encadernação, Desporto Escolar, Projetos “Charcos com Vida”, “Plantar Ciência”, “Pergunta-me Ciência”, onde os alunos se envolvem e completam a sua formação, de acordo com as suas motivações.

Para melhorar o desempenho escolar, a escola possui estruturas de apoio ao estudo de carácter regular e permanente: Sala de Estudo que conta com a colaboração de professores de diferentes grupos disciplinares; Salas de Apoio de Português, Inglês, Física e Química (“Vence a Inércia”) e Matemática (“Salta Barreiras”).

Complementarmente, e integrando a cultura desta escola, são calendarizados, ao longo do ano, apoios educativos para a recuperação dos alunos com dificuldades de aprendizagem e/ou recuperação de atrasos de aprendizagem por faltas justificadas, bem como para a melhoria do seu desempenho escolar ou preparação para os exames nacionais. Por outro lado, para prevenir e controlar situações de indisciplina e aumentar a motivação dos alunos, a Escola dispõe dos Gabinetes de Mediação Disciplinar e de Apoio ao Aluno, bem como do apoio dos serviços de Psicologia e Orientação.

Tabela 1-Atividades ano letivo

Plano de atividades do grupo de Educação Física			
Atividade	Intervenientes	Data	
Suporte Básico de Vida	Etelvina Simões+ Curso Profissional AGD 10+11º H	09-10-15	1º Período
Formação de Árbitros: Badminton; Golfe; Futsal; Ténis de mesa e Voleibol)	José Pedro Fernandes; Honorato Grilo; Rui Monteiro e António Portas	11-11-15	
Corta-Mato (Fase Escola)	Adelino Marques + Grupo de Educação Física	16-12-15	
Torneio de Voleibol	Curso Profissional AGD 12º H	17-12-15	
“Paraolimpíadas da Quinta das Flores”	Núcleo de Estágio de EF	17-12-15	
Mega-salto, Mega-sprint e Mega-km (Fase de Escola)	Adelino Marques + Grupo de Educação Física	13-01-16	2º Período
Corta-Mato (Fase Distrital)	Adelino Marques + Grupo de Educação Física	26-01-16	
Compal Air - Torneio de Basquetebol 3x3 (Fase Escola)	Adelino Marques + Grupo de Educação Física	17-02-16	
Corta-Mato (Fase Nacional)	Adelino Marques + Grupo de Educação Física	26-02-16	

Mega-salto, Mega- <i>sprint</i> e Mega-km (Fase Distrital)	Adelino Marques + Grupo de Educação Física	16-03-16	
“Desafio Equipa”	Núcleo de Estágio de Educação Física	18-03-16	
Torneio de Ténis de Mesa da Páscoa	António Portas+ Grupo de Educação Física	18-03-16	
Compal Air - Torneio de Basquetebol 3x3 (Fase Regional)	Adelino Marques + Grupo de Educação Física	13-04-16	3º Período
Mega-salto, Mega- <i>sprint</i> e Mega-km (Fase de Nacional)	Adelino Marques + Grupo de Educação Física	15 e 16-04- 2016	

1.3 CARATERIZAÇÃO DO GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

Na Escola existem 13 professores de Educação Física e 5 estagiários, e existem modalidades específicas destinadas a cada espaço de trabalho. Sendo que há rotação de espaços a meio de cada período por ordem crescente nos espaços de 1 a 5.

Os professores estiveram sempre dispostos a ajudar e o trabalho colaborativo foi real, a conversa a cerca de métodos de ensino e tarefas a realizar foi sempre uma boa maneira de nos mantermos informados e ativos no seio das atividades escolares.

1.4 CARATERIZAÇÃO DA TURMA

A turma é constituída por vinte e oito alunos (doze do sexo feminino e quinze do sexo masculino). Dos vinte e oito alunos, vinte e três alunos são novos na Escola que provém de várias escolas da zona de Coimbra. Na turma existe um caso de uma aluna que ficou retida no ano anterior. E 1 aluno com dislexia, que apenas afeta a escrita e a compreensão.

Os Pais dos alunos destes alunos têm, na maioria, habilitações académicas referentes a Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, sendo que apenas quatro pais e mães tem habilitações académicas correspondentes ao ensino secundário e básico. Apenas 3 pais (um pai e duas mães) se encontram desempregados e um pai está reformado, sendo que os restantes têm emprego.

Em termos de transporte existe apenas 1 caso a ter em atenção pois demora mais de 30 minutos a deslocar-se de casa até à escola.

Na escola, os alunos apresentam como disciplinas preferidas a Educação Física, Matemática e Biologia e as disciplinas que menos gostam são Português e Física e Química. A maioria dos alunos tem hábitos frequentes de estudo, costumam falar com os E.E. acerca da escola e sentem que aprendem melhor a estudar sozinhos em casa. Estes mesmos alunos são da opinião que as principais causas e insucesso são a falta de atenção/concentração e falta de estudo. Os seus tempos livres são ocupados com atividades ligadas à música e às telecomunicações, sendo que 4 alunos da turma frequentam o conservatório de música. Todos estes alunos têm acesso ao Computador e Internet.

Dos vinte e oito alunos, nenhum apresenta dificuldades impeditivas à participação em E.F. e apenas um beneficia de medidas no âmbito do Ensino especial. Três Alunos apresentam dificuldades respiratórias (asma), uma aluna tem anemia, e dois alunos tem sinusite e rinite alérgica. Quanto aos hábitos de sono, nenhum dos alunos dorme menos de 7 horas por noite. Os alunos tomam no mínimo 4 refeições por dia sendo a normalidade 5 refeições, sendo as principais refeições feitas em casa ou na escola.

No que concerne à atividade física: quinze alunos não têm hábitos de prática de atividade física fora da escola e treze alunos são federados, em futebol (5), ténis (3), basquetebol (2), badminton (1), karaté (1), hóquei patins (1).

No início do segundo período a turma ficou reduzida a 26 alunos. Um aluno mudou de turma e outra mudou de escola.

Tabela 2- Diagnóstico das UD

Modalidade	Ginástica	Voleibol	Atletismo	Futsal	Basquetebol	Aeróbica
Nível						
Introdutório	4	11	3	4	3	0
Elementar	23	14	18	16	23	24
Avançado	2	3	5	7	3	2

Durante as avaliações diagnósticas foi notória alguma discrepância entre os alunos. Havendo um grupo de 5 ou 6 alunos que se destacavam sempre em relação aos restantes.

Na UD de ginástica a principal dificuldade era a realização da roda, ponte e apoio facial invertido. No outro extremo dois alunos já realizavam rolamento à retaguarda com passagem por pino. Assim trabalhamos quase sempre em pequenos grupos, e a aula tinha duas partes interligadas, mas distintas, em que a primeira era constituída por progressões pedagógicas para os elementos gímnicos de solo em que os alunos tinham mais dificuldades.

No que diz respeito ao voleibol as principais dificuldades detetadas foram os deslocamentos, a realização com proficiência do passe e do serviço. O grupo de nível introdutório tinha dificuldades em quase todos os gestos técnicos, havendo ainda alunos que nunca tinham lecionado a modalidade. Inicialmente os exercícios realizados eram direcionados ao relacionamento com bola e ao seu domínio.

O atletismo a meu ver a tarefa foi facilitado, as maiores dificuldades prenderam-se com a técnica de salto em altura e, foi necessário decompor o movimento em vários para promover aprendizagem. A realização dos exercícios sob forma de competição revelou-se uma mais valia no decorrer da unidade didática.

O futsal foi a matéria em que a turma foi mais uniforme, havendo sempre um grupo que se destacava, as principais dificuldades foram a aplicação dos princípios de jogo, e a inclusão de alguns princípios táticos do futsal. Nesta modalidade foram usados maioritariamente os jogos reduzidos.

No basquetebol, matéria onde a meu ver os alunos possuíam mais dificuldades iniciais juntamente com o voleibol, os lançamentos da passada poucos realizavam bem, e o jogo (mesmo o 3x3) era muito anárquico. O trabalho foi muito difícil foi necessário realizar vários exercícios, e na maioria das vezes no trabalho em grupos de nível tivemos de realizar exercícios muito dispareos.

Na aeróbica a avaliação de diagnóstico prendeu-se apenas na verificação do reconhecimento musical dos alunos, revelou-se uma enorme dificuldade e o principal objetivo com as aulas, além dos passos e coreografia, foi que todos os alunos conseguissem realizar a coreografia em consonância com a métrica da música.

2. ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Neste capítulo iremos refletir acerca dos documentos orientadores da ação. Com a descrição da forma como foi realizado cada documento e de que forma foram utilizados.

Planeamento:

A base para uma prática pedagógica bem-sucedida é o planeamento, este deve ser a base para a ação do professor, ser um guia.

Devemos ter em conta as três dimensões do planeamento o Macro, adaptando o programa ao ano de escolaridade e à turma que temos. A nível Meso, indo ao encontro do que é decidido pela direção da escola, seguindo as normas do grupo de educação física, sendo que nesta escola para cada espaço estão destinadas modalidades que se podem abordar. E por fim a nível micro, no contexto turma, o dia a dia de aulas, o contexto e o perfil dos alunos que temos a nossa frente.

Realizando assim, um Plano anual, as unidades didáticas bem como os planos de aula.

2.1 PLANO ANUAL

O plano anual é um documento muito abrangente, mais genérico nele colocamos todas as ações necessárias para que os alunos aprendam. É uma forma de analisar, planejar e regular o ensino.

“No ensino trata-se de traçar e realizar um plano global, integral e realista da intervenção educativa para um período lato de tempo; é a partir dele que se define e estipulam pontos e momentos nucleares, acentuação do conteúdo “(Bento, 1987, pág.56)

De salientar que o plano anual possui um caráter aberto, na medida em que é suscetível a possíveis reajustamentos no decorrer da sua implementação (caso tal se revele oportuno e conveniente). Neste âmbito, importa referir que a condução do ensino, por parte do professor, deve ter sempre em consideração a evolução das aprendizagens dos alunos e as suas necessidades ao longo de todo o processo.

Daí a necessidade, de este documento ser visionado apenas como um guia norteador e racionalizador da ação do professor e não como algo rígido e inflexível a cumprir escrupulosamente na prática.

No plano anual deve incluir-se de uma forma genérica as informações sobre:

- O contexto escolar e o meio;
- Os documentos de regulação da Educação Física na escola;
- Os recursos materiais existentes para serem utilizados nas aulas de Educação Física;
- As metas e finalidades integrantes nos Programas Nacionais de Educação Física;

Para o professor conseguir selecionar as competências (objetivos), que devem ser, em simultâneo, ambiciosos, mas alcançáveis. Evidenciando uma definição clara e objetiva das matérias a lecionar, assim como a sua distribuição no tempo (número de horas/dias).

Orientando o processo de ensino- aprendizagem da turma:

- Orientar o processo ensino – aprendizagem e estabelecer uma sequência lógica de atuação;
- Conhecer de forma mais detalhada os alunos, não só em relação aos seus contextos socioeconómico e familiar, como também em termos dos níveis de prestação inicial dos domínios psicomotor, socio afetivo e cognitivo;

- Controlar a planificação a curto, médio e longo prazo com maior segurança, controlo e fiabilidade;

- Incluir as atividades inscritas no plano de atividades da escola, promovidas pelo grupo disciplinar, incluindo também as de iniciativa do próprio Núcleo de Estágio de EF;

A escolha das modalidades a abordar ficou a nosso cargo, o professor orientador teve em conta a nossa opinião na escolha das matérias a lecionar, consoante os espaços, havendo a obrigatoriedade de lecionar ginástica e Atletismo, indo ao encontro do regulamento interno da escola.

Ficou decidido no seio do núcleo que todos iríamos abordar as mesmas modalidades, com exceção da última que poderia ficar à nossa escolha. Para a turma do 10º C definimos que seriam lecionadas as modalidades de Ginástica Acrobática e Solo, Voleibol, Atletismo, Futsal, Basquetebol e Aeróbica.

Esta escolha foi uma forma de equilibrar o número de modalidades individuais e coletivas, e não teve relação com o diagnóstico, pois, o regulamento interno da escola prevê a rotação dos espaços, e, como tal, a escolha das modalidades foi consoante os espaços em que lecionamos.

Com este planeamento tentamos que o nosso plano anual fosse exequível, orientado para o essencial, e que este funciona-se como base para o trabalho na turma e escola.

2.2 PLANEAR UNIDADES DIDÁTICAS

As unidades didáticas refletem mais especificamente a forma de atuar e devem ser adequadas à turma que temos. A criação das unidades didáticas é a resposta ao diagnóstico da turma. Elas devem conter objetivos exequíveis, e seguir um propósito que leve à aprendizagem.

As unidades didáticas foram construídas em conjunto uma vez que ministramos as mesmas matérias de ensino, no entanto o diagnóstico e os objetivos a atingir foram diferentes, sendo expressos de forma diferenciada na extensão e sequência de conteúdos, dando resposta às necessidades pedagógicas da turma.

As unidades didáticas estiveram sempre em constante modificação, pois, por vezes, sendo por dificuldade ou facilidade dos alunos em realizarem os exercícios, por vezes os objetivos a atingir eram alterados, e as estratégias e implementar conseqüentemente.

Produzimos conjuntos de progressões pedagógicas que todos consigam trabalhar, organizados do mais simples para o mais complexo. Entendendo que este planeamento deve ser também um guia de ação, refletindo e indicando as ferramentas principais para orientar o processo ensino-aprendizagem.

Deve ainda ser implícito na unidade didática a ideia de início de ciclo, aperfeiçoamento, controlo de resultados e o fim de ciclo. Além disso, como salienta Bento (1987) “O planeamento da unidade temática não deve dirigir-se preferencialmente para a matéria “em si mesma” - a abordar nela- mas sim no desenvolvimento da personalidade (habilidades, capacidades, conhecimentos, atitudes), dos alunos, pelo que deve sobretudo explicitar as funções principais assumidas naquele sentido por cada aula.” (Bento, 1987)

2.3 PLANEAR AULAS

A preparação das aulas é condição essencial para o sucesso. Pois através do planeamento há reflexão a cerca do que foi realizado e do que ainda há a trabalhar. Este planeamento depende da avaliação realizada, do nível dos alunos, do tipo de exercícios que motiva mais a turma, do objetivo da aula seguinte, e ainda do que foi definido no plano anual e nas unidades didáticas de cada matéria de ensino.

Os planos de aula são guias de ação, de carácter aberto, se o professor verificar que o exercício não está a ter o objetivo esperado, deve alterá-lo e ajustá-lo. Cada aula tem uma função e deve tentar dar resposta aos problemas da turma, respeitando tempos de aprendizagem, e níveis de proficiência diferentes, seguindo assim o principio da especificidade.

As aulas foram sempre planeadas indo ao encontro das necessidades dos alunos, com reflexão com os colegas de estágio e com o professor orientador. No fim de cada aula a reflexão sobre a mesma foi essencial para conseqüentemente melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Foi sem dúvida necessário o trabalho colaborativo.

A preparação das aulas não respeita só aos exercícios a realizar, mas também os objetivos a atingir, a gestão do tempo e o tipo de trabalho a realizar. Para um plano de aula ser exequível deve refletir as nossas perspetivas, as condições do ensino e as capacidades de aprendizagem dos alunos.

Na organização do plano de aula devemos respeitar uma sequência lógica e encadeada de objetivos, sempre com o objetivo de promover o gosto pela prática e de levar os alunos à aprendizagem.

Na construção dos mesmos, induzimos o trabalho por grupos de nível, isto é, em algumas aulas trabalhamos em grupos de nível homogéneos e noutras em grupos heterogéneos, com esta divisão em grupos homogéneos, pretendemos adequar a dificuldade das tarefas ao nível de desempenho dos alunos, para que todos, sem exceção, consigam atingir sucesso na realização, aprendizagens e motivação. A adoção desta estratégia permite criar grupos de alunos que possuam dificuldades similares, permitindo expor este grupo de alunos aos mesmos exercícios em simultâneo, ministrando feedbacks individualizados ou direcionados para o grupo com o intuito de ultrapassar as fragilidades. Por outro lado, com a divisão em grupos heterogéneos pretendemos fomentar a interação de alunos com níveis de aptidão diferentes, assim como desenvolver a cooperação e o espírito de entre ajuda no seio da turma, para que todos os alunos, sem exceção, possam participar ativamente nos exercícios e retirem o máximo de benefícios.

Por vezes na mesma aula realizamos os dois tipos de trabalho, acentuando níveis de motivação dos alunos.

Um dos fatores que também tivemos em conta na construção dos planos de aula foi a competição, a turma era muito competitiva, tentamos que na maioria das aulas houvesse exercícios com pontos e com o registo dos mesmos, motivando cada vez mais os alunos para a prática. Assim, os alunos estiveram na maioria do tempo de aula em empenhamento motor, refletindo-se na sua evolução.

3. REALIZAÇÃO/INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A intervenção pedagógica do docente compreende várias dimensões, nomeadamente a dimensão da instrução, da gestão, do clima e da disciplina. Neste capítulo, vamos centrar-nos

na dimensão da instrução, que engloba a técnica da demonstração e a técnica dos feedbacks. Os feedbacks, no entanto, podem fazer parte da dimensão da disciplina.

3.1 INSTRUÇÃO

Segundo Carreiro da Costa, Correia (1996 in Silva), a instrução diz respeito às intervenções do docente referente à matéria de ensino, à maneira de realizar os exercícios, de uma forma verbal ou com apoio da simulação, demonstração ou qualquer imagem que permita aos alunos entender a mensagem que lhes está a ser transmitida. Já Siedentop (1991) definiu a instrução como o conjunto de comportamentos de ensino, que fazem parte do reportório do professor à transmissão de informação diretamente relacionada com os objetivos e conteúdos de ensino.

Magill (2000) sugere que a qualidade da instrução e a quantidade de prática são fatores determinantes para atingir os estágios mais avançados da aprendizagem. Assim, numa perspetiva de ensino, a instrução tem o potencial de auxiliar tanto na orientação da atenção às informações mais relevantes, assim como na elaboração do programa de ação e a sua subsequente execução.

Para alguns autores, os professores eficazes são aqueles que dedicam menos tempo à apresentação da tarefa, salientando Carreiro da Costa (Silva, 2013) que estes se distinguem pela sua capacidade científica e técnica, centrada fundamentalmente na informação de requisitos técnicos de execução da tarefa a aprender.

Nas situações de instrução a informação é emitida em três momentos distintos: antes da prática recorrendo-se a preleções, apresentação da tarefa, explicações e demonstrações; durante a prática através da emissão de feedbacks; e após a prática pela análise da prática desenvolvida.

Instruções Verbais

A instrução verbal tem vindo a demonstrar-se uma estratégia instrucional mais eficiente que a demonstração em alguns casos. Segundo Públio, Tani e Manoel (1995), as instruções verbais podem agir como mediadores para melhorar a representação do modelo observado e podem orientar a atenção do aluno aos aspetos críticos da demonstração. Assim, os aspetos verbais parecem desempenhar um importante papel na modelação.

A demonstração, por sua vez, teria o potencial de colaborar para a organização e execução das ações motoras, estabelecendo um referencial tanto para a correção como para a formação da imagem da ação (Willians, 1986).

No decorrer do ano letivo as instruções verbais foram constantes. Aquando das preleções tentamos ser claros, objetivos e sintéticos na informação transmitida. Durante as mesmas, houve questionamento, lembrando aos alunos aspetos importantes relativos à modalidade que estava a ser lecionada, relacionadas com regras, componentes críticas entre outros.

3.2 DEMONSTRAÇÃO

A maioria das pesquisas sobre demonstração fundamenta-se na teoria da Aprendizagem Social de Bandura, a qual requer que a aprendizagem de um determinado comportamento pode ocorrer pela observação do comportamento e das suas consequências no ambiente.

A demonstração, sendo uma espécie de assessora da instrução, é uma mediação em relação à aprendizagem, uma vez que explicita a informação transmitida, permitindo aos alunos uma percepção da realização pretendida.

Os alunos, ao observarem determinado movimento, conseguem extrair informações importantes que o vão auxiliar de alguma forma na organização e execução das suas ações motoras. Isto significa que, a observação de um modelo apropriado, pode ser efetiva na medida em que o aluno necessita ter uma ideia clara da tarefa a ser realizada, facilitando a elaboração do plano motor inicial.

Quanto à sua forma de realização, esta pode ser executada tanto pelo professor como pelo aluno, que pode ser escolhido pelo professor ou voluntariar-se.

Demonstração feita pelo professor

A demonstração realizada pelo professor é um instrumento fundamental no decorrer de uma aula pois permite aos alunos criar uma imagem positiva do docente, mostrando a competência deste, e a visualização de uma imagem correta dos objetivos e técnicas de determinado exercício.

Independentemente do tipo de demonstração escolhido, o professor deve ter em conta a escolha do modelo e as características que este deve ter.

Caso este não consiga executar corretamente o que pretende, o professor deve encontrar pessoas fora do grupo para executar, aproveitar os melhores alunos para o fazerem ou pedir a algum aluno que “treine” para demonstrar.

No nosso caso efetuamos muitas vezes a demonstração, por exemplo, aquando do feedback grupal, economizamos tempos e conseguimos identificar também os principais erros. A turma e o seu comportamento, bem como a facilidade de posicionamento sem muitas perdas de tempo em transições permitiu, na maioria das vezes o sucesso da instrução e demonstração. Por vezes nas aulas já de consolidação, como forma de questionamento nós, realizávamos a demonstração com os erros que tinham mais incidência no seio do grupo, para depois os alunos identificarem os erros, e assim, era mais um momento de perceção da compreensão dos alunos da matéria que estava a ser lecionada.

Demonstração feita pelo aluno

A demonstração quando feita pelos alunos permite a existência de uma aproximação do modelo às características reais dos executantes. Nós conseguimos ter o contato visual com toda a turma, assim como descrever os aspetos cruciais a executar para uma realização correta das habilidades por forma a alcançar o objetivo pretendido. Aquando da realização, o professor apresenta as componentes críticas da habilidade, economizando tempo útil de aula.

Ao longo das aulas foram sempre escolhidos os alunos mais proficientes para a demonstração das habilidades, e esta teve reflexos positivos na aprendizagem dos alunos.

A demonstração foi essencial para a perceção de gestos, e como foi realizada entre pares (alunos com a mesma idade, estatura), facilitou a identificação e correção erro por parte dos alunos.

A principal dificuldade sentida quando a demonstração é feita pelo aluno, é a perceção que o aluno tem daquele momento, por vezes ficavam nervosos e acabavam por não conseguir reproduzir o que já faziam de forma proficiente. Algumas dificuldades prenderam-se, também, com a personalidade dos alunos alguns não gostavam de exemplificar, ou por serem tímidos, ou por se sentirem observados, ou simplesmente por não gostarem.

A demonstração era mais um momento de aprendizagem e como tal, os alunos mostraram-se sempre disponíveis e preocupados nesses momentos.

Captar a sua atenção foi fácil e quando necessário era reforçada a demonstração, sempre identificando as componentes críticas, reforçando o modelo, e por vezes com questionamento.

Durante todas as unidades didáticas as demonstrações foram realizadas quer pelo professor que pelos alunos.

3.3 FEEDBACK

Feedback, ou informação de retorno, é a expressão genética que identifica o mecanismo de retroalimentação de qualquer sistema processador de informação. É este retorno de informação que permite ao sistema avaliar o grau de cumprimento dos objetivos propostos, que é essencial para a ocorrência de aprendizagem.

Uma das principais funções do feedback é o seu papel motivacional, que incentiva o aluno a continuar a esforçar-se na direção dos objetivos e o reforço do padrão de movimento desejável, colaborando para que o praticante repita o mesmo movimento no futuro. O fornecimento de informação é outra função que indica a natureza e a direção dos erros e como corrigi-los, como também informações sobre o sucesso da habilidade em andamento ou que acabou de ser completada. Por fim, a função de servir como guia, que orienta o movimento em direção ao objetivo.

Para Magill (2000), a importância da realização de estudos relacionados com o feedback está na produção de conhecimentos que possam orientar o desenvolvimento e a implementação de estratégias efetivas para a utilização do feedback aumentado como instrumento de benefício à aprendizagem motora, visto seu importante papel na aquisição de habilidades.

Schmidt e Lee (1999) destacam que o feedback é uma informação sobre a qual o técnico ou instrutor tem controlo, permitindo a sua manipulação de acordo com a necessidade do aluno ou da habilidade. Saber como implementar diferentes métodos de utilização do feedback aumentado, como também saber quando utilizar cada um deles são estratégias educacionais que influenciam a aprendizagem. Sendo assim, questões relativas aos diferentes momentos para se fornecer feedback, às diferentes formas em que pode ser fornecido, e mesmo, saber se deve ou não ser utilizado, são fatores que vão afetar a eficiência do processo de ensino-aprendizagem.

Newell (1991) ressalva o papel prescritivo presente no feedback, sugerindo que a informação fornecida pelo instrutor pode não apenas identificar o erro, mas também prescrever uma solução para o mesmo, informando o indivíduo do que deve fazer para corrigi-lo.

Mota (1989) divide as funções do feedback em função de motivação (conhecimento dos resultados e da prestação, valência afetiva com caráter positivo ou negativo), função de reforço (intenção, forma e reação específica) e função de informação.

Quanto aos tipos de feedback podemos classificá-los como feedback corretivo, organizativo/disciplinar, positivo, negativo, descritivo, prescritivo, interrogativo e avaliativo neutro.

Relativamente à direção, os feedbacks devem ser exatos para serem eficazes. No que diz respeito à direção do feedback, segundo Pierón (in Silva, 2013) a reação dirige-se a um só aluno em mais de 80% das interações, privilegiando o contato entre o professor e aluno na procura da excelência da prestação motora do mesmo. Nos desportos de equipa as reações por parte do professor dirigem-se maioritariamente a um grupo de alunos. Segundo Siedentop (1991) os feedbacks são habitualmente dirigidos a um indivíduo, mais que ao grupo ou ao conjunto turma.

Ao longo do ano letivo a quantidade e a qualidade do feedback foi melhorando, tentamos distribuir equitativamente o feedback pelos alunos e completar ciclos de feedback, o completar dos ciclos foi sempre realizado, no entanto, por vezes não era transmitido novo feedback após a nova prestação dos alunos, neste aspeto fomos melhorando.

A instrução foi sempre fornecida atempadamente assumindo principal importância a instrução inicial, a instrução de novos exercícios e o momento final das aulas.

Nestas deve ser incluído também o questionamento e a relação da matéria a abordar com a já lecionada.

O feedback esteve sempre presente ao longo das aulas, tentamos individualizá-lo tanto quanto possível, tornando a prática do aluno mais rica. O posicionamento em sala de aula tem relação direta com o feedback, pois se o professor estiver de costas para um grupo de alunos não vai conseguir individualizar o feedback, e o alunos poderá estar a exercitar um gesto técnico errado.

Para um feedback ser facilmente interiorizado, a nosso ver deve ser curto, claro, objetivo e se possível acompanhado de demonstração. Se necessário o professor deve decompor o gesto, para que o aluno tenha facilidade na identificação do erro.

3.4 GESTÃO

A dimensão gestão assume particular importância, nós devemos ter em conta os tempos de lecionação de cada matéria e/ou exercício.

Os alunos devem ter o máximo de tempo de empenhamento motor.

O professor eficaz coordena os seus alunos de forma a aumentar o tempo dedicado à aprendizagem. Deve ser dinâmico e eficaz.

Devemos ser capazes de gerir as tarefas de aula, as transições e as deslocações. O tempo de prática deve ser orientado para um trabalho específico e deve levar o mais possível à aprendizagem, ao sucesso dos alunos. A relação tempo de espera/tempo de prática é sempre tida em linha de conta, bem como o clima emocional e a gestão do comportamento dos alunos.

A gestão é ótima quando nós conhecemos a turma, quando existem rotinas definidas, quando os tempos de transição são reduzidos e quando os comportamentos de desvio são previstos.

Durante o ano letivo tentamos em todas as unidades didáticas:

- Organizar/planear cuidadosamente a sessão, reduzindo ao mínimo o tempo de espera e de transição; tentando programar sempre a aula atempadamente refletindo sobre os objetivos, o tipo de tarefas.
- Escolher de forma cuidada os exercícios (fácil organização, contemple elevado número de repetições e que motive os alunos);
- Cumprimento dos horários – ser pontual e começar e terminar a aula a horas; ao longo do ano letivo chegamos sempre a horas, quase sempre algum tempo antes, dando até espaço para prática de “rua” dos alunos.
- Reduzir ao mínimo as tarefas administrativas; as tarefas administrativas foram quase sempre reduzidas, ocuparam de forma diminuta a sessão.
- Reduzir ao indispensável os períodos de instrução; a instrução foi inicialmente um pouco longa, posteriormente foi diminuindo, usando ainda o questionamento e a demonstração, levando a maior tempo de aprendizagem e empenhamento motor.

- Apresentação simples, clara e rápida da tarefa; sempre que transmitimos uma tarefa tivemos cuidado na transmissão dos objetivos, sempre de forma simples e objetiva.
- Recurso a elevados índices de feedback e intervenções positivas; usamos frequentemente o feedback, individual e grupal, maioritariamente positivo, e motivando o aluno para realizar melhor o exercício.
- Redução dos tempos de espera na tarefa, na transição e na organização; os exercícios foram sempre pensados para ter o menor tempo de espera, sendo que numa turma de 26 alunos é difícil, mas, na maioria das aulas foi conseguido.
- Definição de sinais sonoros, gestuais ou mistos (atenção, reunião e transição); foram utilizados apito, e contagem, formas de reduzir os tempos nas deslocações e transições dos alunos.
- Definir rotinas específicas; a turma inicialmente não tinha muitas rotinas eram muitos alunos provenientes de escolas diferentes, posteriormente já era notória a rotina instaurada, a fácil gestão dos comportamentos do grupo.
- Colocar o material a utilizar atempadamente e em local de fácil acesso;
- Evitar atrasos e interrupções; os alunos normalmente cumpriram os horários, em algumas aulas das 8h30 houve algum atraso, mas facilmente compensado, pois os alunos na maioria das aulas estavam sempre empenhados e participativos, o tempo de empenhamento motor era alto, e conseguiam aperfeiçoar as suas habilidades.
- Prever comportamentos inapropriados; A turma praticamente não teve comportamentos inapropriados, foram maioritariamente situações de comportamentos fora da tarefa que rapidamente eram corrigidos e alterados.

Em suma no que diz respeito à dimensão gestão, foi facilmente manobrada, a base para uma boa aula é um bom planeamento. Focamos ainda o gosto dos alunos pela prática, que por exemplo, na aula das 10h15 eles mal saiam as 10h dirigiam-se ao pavilhão, antes do início da aula eu já tinha em prática mais de metade da turma, aquilo a que chamamos “prática de rua”. A aquisição de rotinas foi uma mais valia, o controlo da turma foi facilitado. Com o tempo começaram a ser muito autónomos, e o tempo de prática fortemente rentabilizado.

Em termos de material e do seu manuseamento os alunos ajudaram sempre nas mudanças de exercício, eu não precisava de nomear quem tinha de fazer o quê, pois desde logo eles já estavam todos dispostos a ajudar nas questões de organização da aula.

Uma forte ajuda no que diz respeito a dimensão gestão foram os alunos mais proficientes, que por iniciativa própria ajudavam os menos proficientes, e assim o tempo de empenho motor foi sempre rentabilizado.

3.5 CLIMA/DISCIPLINA

Devemos tentar promover comportamentos responsáveis, definindo compromissos com a turma, e lecionando a aula exigindo valores e padrões de condutas, fomentando comportamentos autônomos. É importante intervir perante comportamentos desviantes.

“A via mais consequente para a realização desses objetivos consiste em desencadear em cada aula um clima de atividade empenhada dos alunos, influenciando a totalidade das suas relações, experiências e vivências sociais.” (Bento, 1987).

A turma com a qual foi desenvolvido o EP, praticamente comportamentos de indisciplina. Inicialmente como os alunos eram provenientes diferentes escolas, não se conheciam e não havia muita interação, durante a modalidade de ginástica até tivemos necessidade de realizar alguns jogos de confiança, com intuito dos alunos se conhecerem melhor. Com o passar do tempo e com a passagem para o voleibol, houve mais distração, e alguns comportamentos fora da tarefa, mas facilmente corrigidos, ou um colega intervinha, ou bastava dirigir o olhar ao aluno em causa para o mesmo perceber que não estava a ter o melhor comportamento. Mas o comportamento resumia-se a estar a driblar, ou a conversa com algum colega. Nunca houve comportamentos de desvio, e a turma assumiu sempre um bom comportamento e muita autonomia nas tarefas.

A aquisição de rotinas, a utilização do apito e o respeito mútuo facilitou todos os processos de transições de exercícios, a colocação do material, tarefas que por norma estão suscetíveis a comportamentos de desvio, foram ao longo do ano tarefas cada vez mais rápidas e sem ocorrências de comportamentos de indisciplina, destaco momentos que os próprios alunos já sabiam que tinham errado e colocavam-se logo dispostos a acatar a repreensão, e pediam desculpa pelo que tinham feito, de referir comportamentos fora da tarefa facilmente corrigidos.

Assim, adotamos uma comunicação correta, simples e cuidada, sendo justos e imparciais com todos os alunos, de forma a não criar preconceitos ou juízos de valor dependentes da personalidade individual de cada um.

Em todos as modalidades o comportamento foi bom, o trabalho foi de interajuda, e a competitividade que alguns alunos tinham, levava os outros também a focarem-se nas ações e a tentarem melhorar. O comportamento facilitou a nossa intervenção, pois ao apito ou à contagem o grupo juntava-se e havia por norma silêncio e atenção a preleção.

Na modalidade de Aeróbica e porque a modalidade também o proporciona houve mais momentos de distração, a de perda de foco das tarefas, mas facilmente os comportamentos eram corrigidos. Considero ainda, que nesta modalidade e por ter um carater mais de exibição, não colocando muito desafio e competição, baixou um pouco os níveis de motivação dos alunos mais proficientes até então, e destacou o grupo de alunos que por norma não estavam tão dispostos à prática.

Foi a meu ver a modalidade em que tivemos mais dificuldade em cativar os alunos, e mantê-los motivados, no fim conseguimos atingir os objetivos.

Com este clima de aula facilmente a nossa atenção se dirigia para os focos de aprendizagem. Devemos ainda referir o gosto pela prática, a motivação dos alunos, e o seu empenho, e ainda são muito competitivos.

3.6 DECISÕES DE AJUSTAMENTO

As decisões de ajustamento devem estar sempre previstas, e quando um exercício não está a ser bem conseguido devemos ajustar e melhorar, sempre com o objetivo de levar os alunos à aprendizagem.

São muitos os fatores que influenciam e condicionam as tarefas, dependendo dos conteúdos a abordar, das progressões pedagógicas, entre outros.

As decisões de ajuste foram na maioria das vezes, situações de ajuste do exercício ao grupo de alunos, pois a reprodução de um exercício que parece simples, por vezes torna-se difícil. Muitas vezes o que aconteceu foi termos o mesmo exercício pensado para os dois grupos de nível, mas tendo objetivos diferentes, e os alunos de nível inferior não conseguirem executá-lo, havendo assim, necessidade de repetir um exercício já realizado ou introduzir outro novo, fazendo face às necessidades do

grupo, ou vice-versa ter de criar mais dificuldade num exercício pois o que tínhamos previsto não colocou desafio aos alunos que o estavam a realizar.

Neste caso não foram necessárias muitas decisões de ajustamento, excetuando os dias de chuva que algumas vezes a aula teve de ser adaptada a meio campo ou a um quarto de campo. No que diz respeito às tarefas de aula; sempre que necessário foram modificadas e alteradas estratégias, fomentando a aprendizagem dos alunos.

Assim devemos referir que uma boa planificação e a adequação pré aula dos exercícios e das possíveis alterações torna a aula mais produtiva, e mais motivante. Pois a intervenção pedagógica é o reflexo de uma boa planificação, das unidades didáticas, dos planos de aula, e do conhecimento que o professor tem da sua turma.

4. AVALIAÇÃO

A avaliação tem um carácter sistemático e contínuo, estimulando o sucesso educativo dos alunos certificando os saberes obtidos e promovendo a qualidade do sistema educativo. Admitindo três funções fundamentais para a avaliação, verificação do grau de cumprimento dos objetivos, regulador de aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das aprendizagens realizadas. Tendo como finalidade conhecer o ensino, verificar procedimentos e reajustar o ensino.

Assim, segundo o decreto de lei 17/2016, a avaliação constitui um processo regulador do ensino e da aprendizagem, que orienta o percurso escolar dos alunos e certifica as aprendizagens desenvolvidas. Tem por objetivo central a melhoria do ensino e da aprendizagem baseada num processo contínuo de intervenção pedagógica. As diferentes formas de recolha de informação sobre as aprendizagens, realizadas quer no âmbito da avaliação interna, da responsabilidade dos professores e dos órgãos de gestão pedagógica da escola, quer no âmbito da avaliação externa, da responsabilidade dos serviços ou organismos do Ministério da Educação, tendo os seguintes propósitos: a) Informar e sustentar intervenções pedagógicas, reajustando estratégias que conduzam à melhoria da qualidade das aprendizagens, com vista à

promoção do sucesso escolar; b) Aferir a prossecução dos objetivos definidos no currículo; c) Certificar aprendizagens.

A avaliação pode assumir função de diagnóstico, formativa ou sumativa.

4.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

A avaliação diagnóstica pretende averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores, que vão servir de base no sentido de colmatar dificuldades futuras, e em certas situações, resolver situações presentes. Esta realiza-se no início de cada ano escolar e/ ou no início de cada matéria a abordar.

No que diz respeito a este tipo de avaliação, optámos por fazê-la antes da leção de cada matéria. Apesar de “perdemos” uma aula sempre que introduzimos uma nova matéria, acabamos por aproveitá-la, uma vez que os alunos já estão a exercitar componentes das matérias que vão ser lecionadas. Por outro lado, permite-nos saber antemão as capacidades reais dos alunos.

Após a avaliação diagnóstica conseguimos prever ações para melhorar as performances, para agrupar segundo o nível de proficiência e possivelmente identificar causas de insucesso nos alunos.

Durante as avaliações de diagnóstico tentamos incutir processos analíticos e de prática real da modalidade para conseguir reproduzir o mais fielmente possível o nível de proficiência dos alunos, conduzindo e adequando os processos de ensino-aprendizagem.

4.2 AVALIAÇÃO FORMATIVA

«A aposta essencial da avaliação formativa é tornar o aluno ator da sua aprendizagem; nesta perspetiva a avaliação formativa é interna ao processo; é contínua, analítica e mais centrada sobre o aprendente do que sobre o produto acabado» (Adaptado de B. Petitjean)

A avaliação formativa deve ser processual, baseando-se na recolha de dados que reflitam as aprendizagens dos alunos, cabendo ao professor interpretar e adaptar as atividades de ensino-aprendizagem. Sendo de malha fina, encontra-se limitada ao processo que avalia.

A eficácia do processo avaliativo passa por escolher situações que sejam simultaneamente situações de avaliação e de treino/aperfeiçoamento das habilidades ou competências em causa, contribuindo para um clima de aula propício às aprendizagens.

As situações escolhidas foram criadas com o intuito de permitir observar facilmente os critérios definidos.

A observação pormenorizada ao nível das competências críticas das habilidades assume um carácter contínuo e sistemático (todas as aulas), com o propósito de fornecer feedbacks, modificar tarefas, alterar grupos e verificar a eficiência e eficácia das opções pedagógico-didáticas selecionadas pelo docente.

Esta avaliação deve ser útil, e ter significado nas aprendizagens dos alunos, viável sendo colocada em prática de forma fácil e económica, sendo precisa e adequada à turma e aos diferentes níveis dos alunos.

Com base neste pressuposto, durante o decorrer das aulas, concentramos a atenção na observação dos aspetos em que os alunos manifestavam maiores dificuldades de realização, especificando sempre que possível, a natureza do erro, que os impede de progredir na aprendizagem.

Os dados recolhidos de forma informal (maioritariamente através da observação) foram utilizados para retroalimentar o processo de ensino-aprendizagem, estabelecendo estratégias para que os alunos melhorem o seu desempenho. Esta avaliação pode ser realizada pelo professor, pelo aluno, ou pelo professor e pelo aluno.

A avaliação processual, através da observação pormenorizada ao nível das competências críticas das habilidades deverá assumir um carácter contínuo e sistemático (ao longo de todas as aulas), com o propósito de fornecer feedbacks, modificar tarefas, alterar grupos e verificar a eficiência e eficácia das opções pedagógico-didáticas selecionadas, ou seja, será um instrumento ao serviço do professor e do aluno que retroalimenta o processo ensino-aprendizagem de forma constante.

Tentamos direccionar o foco atencional na observação dos aspetos em que o aluno manifesta uma maior dificuldade de realização, especificando sempre que

possível, a natureza do erro que os impede de progredir na aprendizagem, de modo a selecionar estratégias para que os possam ultrapassar.

Durante este ano letivo usamos as duas formas, na unidade didática de ginástica foi onde utilizamos maioritariamente a avaliação realizada pelos alunos, fornecendo fichas de análise das coreografias, tendo em atenção graus de dificuldade, coordenação dos elementos dos grupos, utilização dos elementos de ligação, utilização de elementos de solo.

Nas restantes modalidades foram realizadas tabelas de observação, realizadas pelo professor, e durante as aulas foi ministrado feedback individual e grupal, tentando atender a todas as necessidades dos alunos. Durante o ano letivo foram algumas as decisões de ajuste consoante a avaliação formativa realizada, no intuito de todos os alunos realizarem aprendizagem. Em todas as modalidades observei evolução no “saber estar” e “saber fazer” dos alunos. A modalidade onde registei mais evolução foi no basquetebol, os dois grupos de nível existentes eram muito díspares, no entanto conseguimos que todos realizassem o lançamento na passada e conseguiram ainda realizar jogo 5x5.

4.3 AVALIAÇÃO SUMATIVA

A avaliação sumativa pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações do tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino. Realiza-se no final de cada período letivo, informando o aluno e o seu encarregado de educação acerca do desenvolvimento das aprendizagens/competências definidas para cada disciplina bem como tomar decisões relativas ao seu percurso escolar. Elabora-se assim um juízo final sobre as aprendizagens realizadas ao longo do ano letivo o que determina se o aluno transita ou não para o ano seguinte.

Tabela 3- Critérios de Avaliação

Domínio	Ponderação
Psicomotor - 60% (12 valores)	Desempenho no Atletismo - 60% (12 valores)
Cognitivo -10% (2Valores)	Teste escrito - 10% (2 valores)
Socio – Afetivo - 30% (6 valores)	Assiduidade (5%) Pontualidade (5%) Disciplina/ comportamento (7,5%) Empenho (6,5%) Cooperação (6%)

4.4 AUTOAVALIAÇÃO

A autoavaliação é o processo pelo qual o aluno avalia as suas próprias condutas, promovendo a capacidade de valoração e decisão do aluno.

No final de cada período, foi sempre solicitado aos alunos o preenchimento das fichas de autoavaliação, estimulando a reflexão crítica face ao seu próprio rendimento e desempenho nos diferentes domínios de avaliação relativamente aos critérios estipulados pelo professor.

Algumas vezes os alunos não refletiam bem sobre as suas aprendizagens, o que levou a diferenças entre a sua autoavaliação e a avaliação sumativa.

5. DIMENSÃO ÉTICO-PROFISSIONAL

Neste capítulo iremos refletir sobre a nossa experiência enquanto estagiários, os nossos valores, a forma como nos relacionamos com os colegas estagiários, com os professores orientadores e com os restantes intervenientes do meio escolar.

Incluído na intervenção pedagógica, está ainda a ética profissional. Como profissionais da educação, procuramos o sucesso na tarefa baseando-nos na investigação, na experiência (própria, dos orientadores, de outros professores e de colegas estagiários), na literatura existente, nos programas nacionais de Educação Física, nos documentos orientadores.

Na transmissão de conhecimentos, tentamos ser sempre o mais corretos possível, assim como adotar estratégias para garantir a aprendizagem de todos, inculcando aos alunos sentido de responsabilidade e autonomia. O professor deve ser dinâmico, ter um bom relacionamento com os alunos e fomentar um clima positivo de trabalho com os alunos e comunidade escolar em geral. Deve ser assíduo e pontual, tendo uma participação ativa nas tarefas e atividades escolares.

No que à formação diz respeito, destacamos a participação na 5ª edição da “Oficina de Ideias em Educação Física”, onde apesar de não termos apresentado nenhuma situação concreta, foi positiva a partilha de experiências. Em suma, a forma como a atividade foi pensada e desenhada permitiu ter uma grande qualidade nas intervenções. Relativamente ao FICEF, as preleções foram interessantes das quais destaco a Professora da Faculdade de Ciências do Desporto do Porto, que fez uma abordagem abrangente do que é a Educação Física, e destacou formas de motivar os alunos. A organização foi melhor que no ano transato, e teve ainda maior envolvimento tanto dos estudantes de licenciatura como de mestrado.

O trabalho em grupo foi imenso, elaboração de grelhas de análise, testes de reprodução escrita, grelhas de avaliação, reflexões de aulas, sebatas (uma vez que na escola não é obrigatório o aluno ter manual escolar da disciplina), a realização das paraolimpíadas e do desafio equipa foram pontos altos de trabalho de grupo, e em que conseguimos ter toda a comunidade educativa em prática.

5.1 PRÁTICA SUPERVISIONADA

O estágio pedagógico assenta na prática supervisionada, sendo essencial no processo de ensino-aprendizagem do professor estagiário. Assim, é crucial estabelecer uma relação de entreajuda e de constante comunicação com os orientadores. No caso concreto do nosso EP, esta supervisão foi efetuada por dois professores, o orientador da Escola, professor Paulo Furtado e o orientador da

Faculdade, Mestre Paulo Nobre, que em colaboração procuraram supervisionar o trabalho do professor estagiário ao longo do EP.

O professor orientador da escola assume um papel ativo no desenvolvimento do EP e no acompanhamento que exerce ao professor estagiário. Acompanhando o seu desempenho, através da observação das aulas lecionadas, auxilia, e fomenta a reflexão e análise crítica das ações desenvolvidas. As realizações de reflexões críticas conjuntas revelaram-se essenciais para permitirem o nosso desenvolvimento enquanto estagiários, ao nível da nossa intervenção pedagógica. O professor Paulo Nobre, ainda que menos participativo, observou algumas aulas ao longo do ano letivo, realizando também reflexões e análise das ações, reforçando pontos fortes e fracos, fornecendo meios de melhoria da ação docente do professor estagiário.

Desta forma, a supervisão pedagógica foi imprescindível para nós, que somos inseridos no meio escolar sem ter experiência na lecionação, os objetivos foram atingidos, não só no seio do núcleo, mas também com o grupo turma que tivemos pela frente, uma experiência enriquecedora e desafiante.

5.2 BALANÇO GLOBAL DO ANO LETIVO

O ano letivo iniciou atribulado, com muitas dúvidas e muitas expectativas. A nosso ver o EP, é o culminar de todos os anos de formação, é nele que tentamos aplicar os conhecimentos adquiridos, verificamos quais os conhecimentos realmente aplicáveis à prática pedagógica.

A mudança da forma de ver a escola, de aluno a professor, e tal como enquanto alunos somos avaliados no “saber estar”, “saber fazer”, e “saber ser”. Estas variáveis inicialmente foram grande dilemas e problemas com que nos deparamos. Com o passar do tempo e com a colaboração dos colegas de núcleo e do orientador, o processo foi facilitado, a nosso ver aprendemos a controlar a turma sem necessidade de recorrer a um estilo tipo militar, soubemos cativar os alunos para as tarefas, e aumentar os níveis de motivação dos alunos menos motivados, e conseguimos transmitir à turma os nossos ideais.

A experiência adquirida no treino, facilitou alguns processos, colmatei algumas falhas, fornecemos o feedback a todos de igual forma e completar os ciclos, que era uma lacuna que tínhamos.

Deste estágio levo uma boa bagagem científica, mas acima de tudo profissionalismo. O saber estar, enfrentar decisões, desenvolver competências de um professor, aperfeiçoar o sentido crítico e reflexivo, criar a minha própria identidade enquanto professor, saber avaliar, saber planificar, tantas outras aprendizagens conseguidas, fazem-me chegar ao fim com o sentimento de dever cumprido e de objetivos alcançados, fazendo de nós bons professores, realizados mas com esperança de saber mais e fazer melhor num futuro (esperemos que) próximo.

6. APROFUNDAMENTO DO TEMA PROBLEMA

Este capítulo é dedicado à apresentação de uma investigação realizada ao longo do ano letivo sobre o tema “Será que existem diferenças de motivação e de perceção do valor da Educação Física por parte dos alunos federados e ex-federados aquando da lecionação da modalidade em que são especialistas?”.

O capítulo organiza-se em Introdução, Problemática e objetivos do estudo, Metodologia, Amostra, Resultados e discussão de resultados e Limitações ao estudo.

Introdução

A investigação constitui uma componente importante a introduzir nos estágios pedagógicos. Em primeiro lugar, tornar o estagiário investigador da sua prática significa promover a reflexão em ação e sobre a ação o que pode contribuir para a aquisição de conhecimento sobre como ensinar, para a consciencialização de crenças relativas ao ensino e para promover o desenvolvimento pessoal e profissional. Freire (2001)

Este tema surgiu, pelo facto de a oferta desportiva fora da escola, o desporto organizado, fazer parte do dia-a-dia dos alunos. Houve necessidade de perceber qual a postura dos alunos na aula de Educação Física, a relação destes alunos com os colegas, com eles próprios, com a forma como é dada a matéria, e com o professor,

com o intuito de perceber a sua motivação para a aula de Educação Física. Neste caso estudamos os alunos do 9º ano de escolaridade.

6.1 PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS DO ESTUDO

Esta investigação teve como objetivo levar-nos à resolução de várias questões que surgem do seguinte problema:

“Será que existem diferenças de motivação e de perceção do valor da Educação Física por parte dos alunos federados e ex-federados aquando da lecionação da modalidade em que são especialistas?”

Com este trabalho pretendemos atingir os seguintes objetivos:

- Determinar os níveis de motivação dos alunos federados/ex federados na modalidade em que o são/foram.
- Determinar a relação socio-afetiva dos alunos federados/ex federados com os alunos menos aptos em termos de cooperação.
- Perceber quais as funções/tarefas que os alunos federados e ex federados consideram mais importantes para a aprendizagem, aquando da lecionação da sua modalidade.
- Perceber a perceção dos alunos em relação às estratégias de diferenciação pedagógica.

6.2 METODOLOGIA

A recolha de dados foi realizada a partir de um questionário de aplicação direta, produzido com base na literatura e a partir de uma componente qualitativa prévia. Esta componente envolveu a aplicação de um questionário de resposta aberta, individual a um conjunto selecionado de alunos, federados ou ex federados. Com os dados recolhidos construiu-se um questionário final com perguntas diretas e mais específicas.

A partir da análise de conteúdo das respostas dos alunos, foram construídos itens que integraram o questionário final. O questionário final de foi composto por 9 perguntas incluídas em 4 categorias: Identificação do aluno; Motivação e Preferências; Cooperação; Como melhorar as aulas.

Na categoria identificação dos alunos, os alunos deviam indicar o seu género, idade, ano de escolaridade e modalidade/s em que foi ou é federado. Na categoria Motivação e Preferências os alunos devem indicar como se sentem quando é lecionada a sua modalidade, o seu grau de concordância, em várias alíneas, face a sua motivação nas aulas da modalidade em que é proficiente, bem como quais as duas disciplinas que mais gosta de praticar.

Já a categoria Cooperação tem que ver com a forma, como o aluno vê a sua cooperação com os colegas menos proficientes, a forma como ajuda e o seu grau de concordância face a várias alíneas a cerca do tema. A última categoria refere-se ao tema, como melhorar as aulas, em que o aluno reflete o seu grau de concordância sobre a forma como deve ser lecionada a aula, como se sente mais motivado, e escolhe ainda qual a estratégia de ensino que ela pensa que os professores devem seguir, separar e/ou juntar os mais aptos com os menos aptos.

6.3 AMOSTRA

Para a Amostra da primeira fase do estudo, questionário qualitativo foram selecionados 9 alunos a partir de uma amostragem intencional.

Tabela 4- Amostra intencional

	Rapazes (N=6)	Raparigas (N=3)	Total (N=9)
Idade			
12	1 (1,11%)	1 (1,11%)	2 (2,22%)
15	4 (4,44%)	2 (2,22%)	6 (6,66%)
18	1 (1,11%)	0 (0%)	1 (1,11%)
Modalidades em que os alunos são federados ou ex-federados			
Futebol	4 (4,44%)	0 (0%)	4 (4,44%)
Ginástica	0 (0%)	2 (2,22%)	2 (2,22%)
Voleibol	0 (0%)	1 (1,11%)	1 (1,11%)
Basquetebol	2 (2,22%)	0 (0%)	2 (2,22%)

Para a realização do questionário final foram selecionados 17 alunos, 7 do género feminino e 10 do género masculino.

Condições de seleção:

- Federados e ex federados em matérias de ensino lecionadas na escola;
- Federados pelo menos há 1 ano;

- Deixaram de ser federados até há 1 ano atrás;
- Tratamento estatístico da informação no programa SPSS 23.

Tabela 5- Caracterização da Amostra

Género		
Modalidades	Masculino	Feminino
Futebol	4	0
Basquetebol	0	1
Ginástica	0	3
Hóquei em Patins	1	0
Ténis	1	1
Dança	0	1
Atletismo	3	0
Voleibol	0	1
Andebol	1	0
Total	10	7

6.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

De seguida serão apresentados os resultados obtidos, tendo em conta os objetivos iniciais.

A motivação em EF, pode ter relação ao tipo de prática dos alunos de desporto organizado ou não, fora da escola. Goudas (2001) e os seus associados indicaram que alunos com prática fora da escola apresentam maiores níveis de motivação, perceção de competência e expetativas em relação à disciplina.

Num estudo de Koka e Vira (2012), observou-se que os alunos que faziam atividade física organizada fora da escola apresentavam valores superiores de satisfação das necessidades básicas de autonomia, competência e relacionamento positivo;

Murcia (2009), verificou as necessidades psicológicas básicas dos alunos têm de ser cumpridos e sua motivação autodeterminada estimulada, a fim de alcançar uma atitude mais positiva em relação à educação física. Defendendo processos de trabalho em grupo no decorrer das aulas. Promovendo o sentimento de autonomia, os professores podem permitir que os alunos escolher entre diferentes atividades que resultam em um mesmo objetivo, incentivar seus alunos a participar no processo, fazer

sua matéria opinião e motivá-los para projetar programas de exercícios e composições corporais criativas.

Os professores também devem tentar incentivar a interação entre os alunos, projetando atividades de cooperação, reflexivos e groupbuilding, com formas múltiplas e heterogêneas de agrupamento.

- **Níveis de motivação dos alunos federados ou ex federados numa modalidade quando esta é lecionada nas aulas de EF;**

Apresentamos em seguidas os dados relativos à motivação dos alunos durante as aulas de educação física em que são federados.

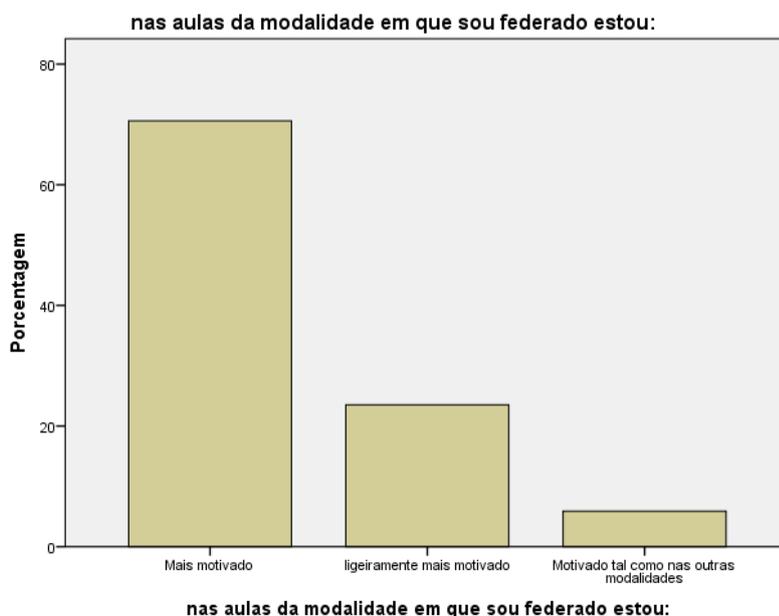


Figura 1- Motivação nas aulas em que sou federado

Os alunos federados sentem-se mais motivados para a prática na aula de Educação Física; Na análise realizada aos 70% dos alunos referem estar mais

motivados para prática, 20% referem estar ligeiramente mais motivados, e apenas 10% refere que o grau de motivação é o mesmo.

- **Percepção dos alunos federados e ex federados face à sua “utilização” como agentes de ensino;** verificação da percepção de utilidade dos alunos nas aulas de EF em que são federados.

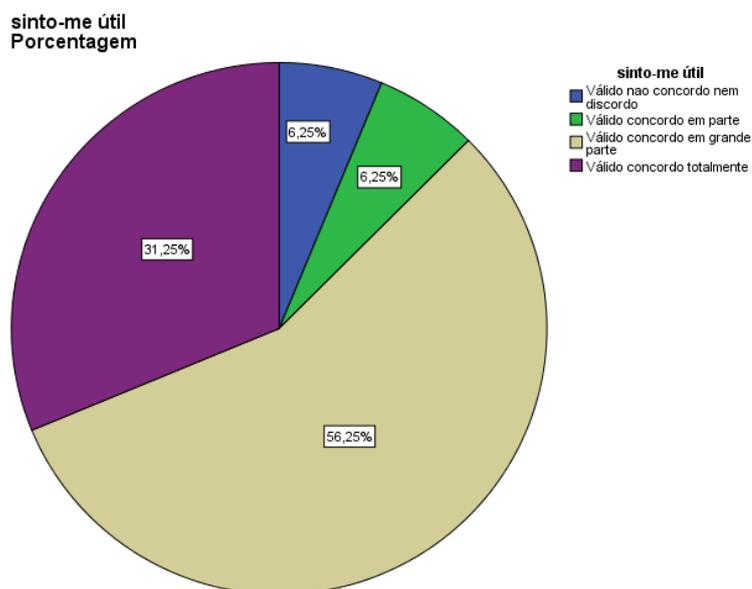


Figura 2- Sentimento de utilidade na aula

No que diz respeito a serem usados como agentes de ensino, os alunos gostam e sentem -se úteis. Dos inquiridos 56,25% dos alunos concordam em grande parte e 31,25% dos alunos concordam totalmente, no que diz respeito à pergunta “sinto-me útil”.

Em relação à a percepção que o aluno tem que podem ajudar os colegas 40% concorda em grande parte e 35% concorda totalmente.

No que diz respeito à pergunta “sinto-me aborrecido ao ter de ajudar os colegas”, 41, 18 % dizem discordar em grande parte, e 23,53 % referem discordar totalmente.

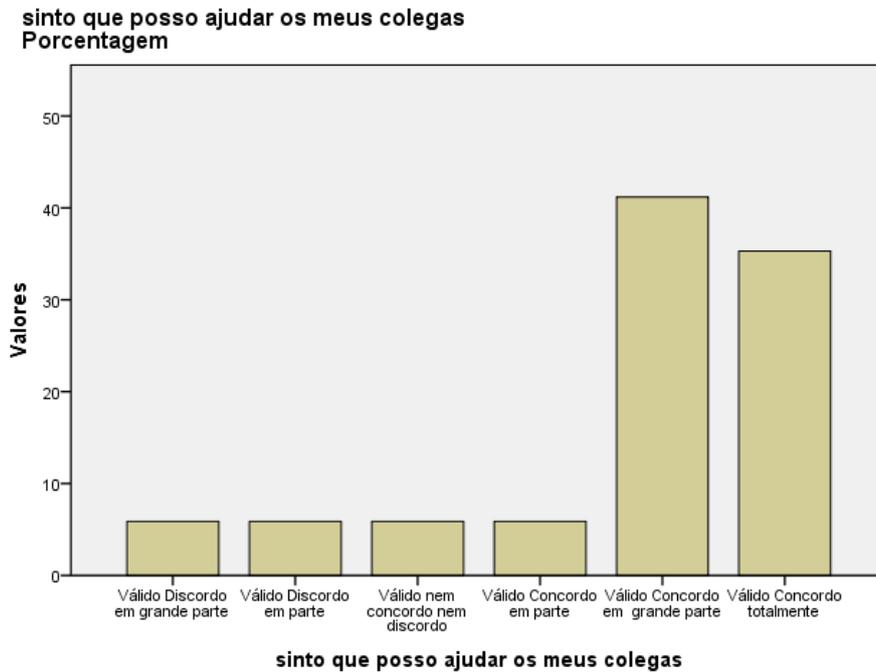


Figura 3- Sinto que posso ajudar

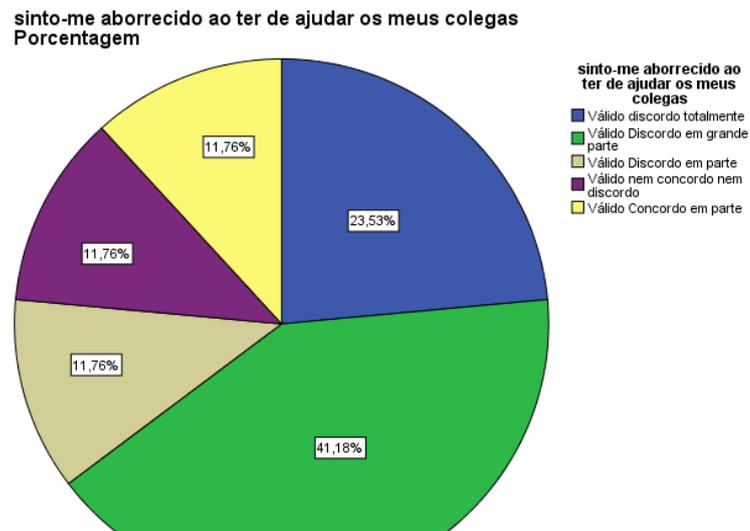
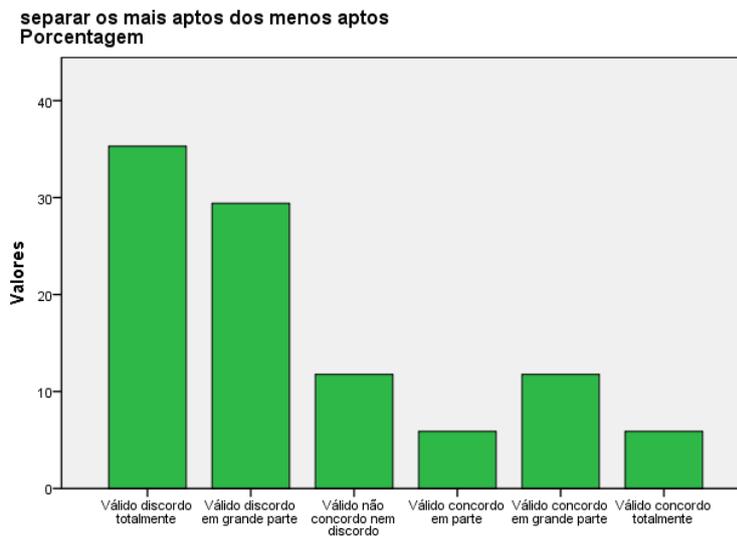


Figura 4- Sinto-me aborrecido ao ajudar

- **Estratégias de ensino mais adequadas** neste conjunto de resultados iremos mostrar qual a perceção dos alunos de como devem ser lecionadas as aulas

Os alunos na sua maioria referem que se deve juntar os mais aptos com os menos aptos, mas ao mesmo tempo noutra pergunta os 41,16% dos alunos refere que se devem atribuir tarefas diferentes a diferentes níveis (concordo em grande parte), e 17,45% concorda totalmente com a mesma afirmação.



separar os mais aptos dos menos aptos

Figura 5- Grau de concordância com a separação de alunos mais aptos dos menos aptos.

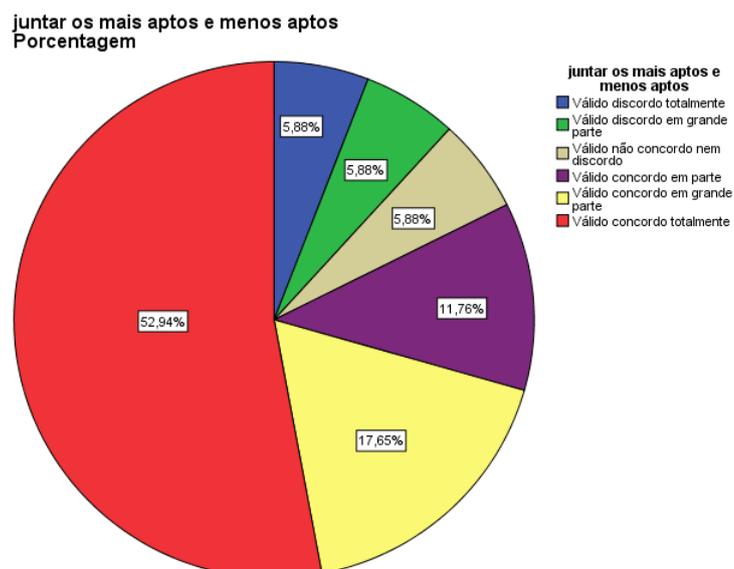


Figura 6- Grau de concordância com a junção de alunos mais aptos com os menos aptos.

Tabela 6- Modo de Ajudar

Perguntas	Discordo Totalmente	Discordo em grande parte	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo em grande parte	Concordo totalmente
Chamando o professor	6%	12%	35%	29%	12%	6%	0%
Ajudo Incentivando	0%	12%	12%	6%	0%	35%	35%
Dar conselhos	0%	0%	12%	0%	12%	47%	29%
Procuo que sejam mais participativos	12%	0%	6%	12%	0%	18%	29%
Demonstro o gesto	0%	0%	0%	12%	30%	29%	29%

Na resposta à questão como ajudas, 47% dos alunos discordo na pergunta “chamo o professor”, 58% refere que ajuda demonstrando o gesto técnico e 76% refere que dá conselhos aos colegas. No que diz respeito ao incentivo 70% refere que incentiva os colegas e procura que sejam mais participativos na aula.

- **Determinar a relação socio afetiva dos alunos federados/ex federados com os alunos menos aptos;** em resposta a este objetivo tentamos perceber quais as respostas dadas pelos alunos sobre as razões que os levam a escolher como estratégia de ensino separar os aptos dos menos aptos, ou juntar os mais aptos com os menos aptos.

Separar os mais aptos dos menos aptos

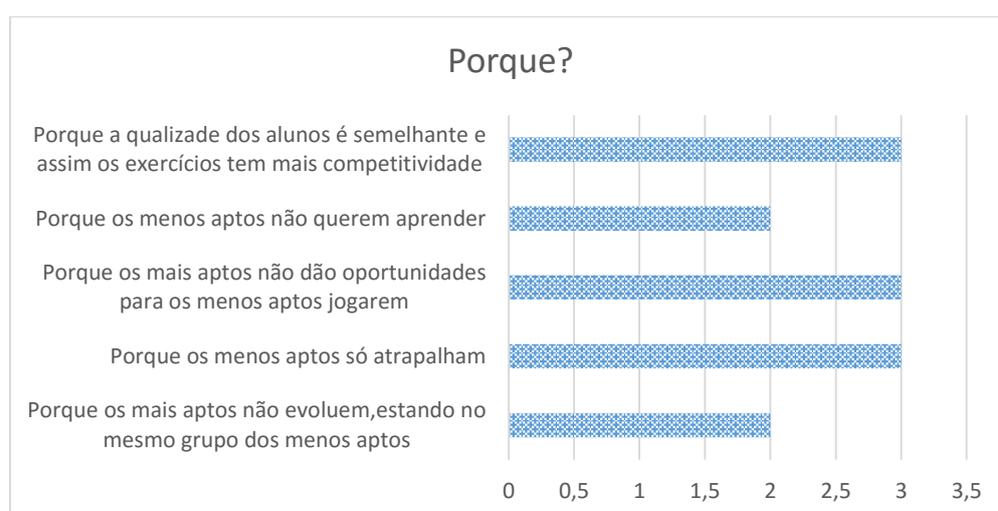


Figura 7- Justificações para a separação entre os alunos mais aptos e menos aptos

Juntar os mais aptos e os menos aptos

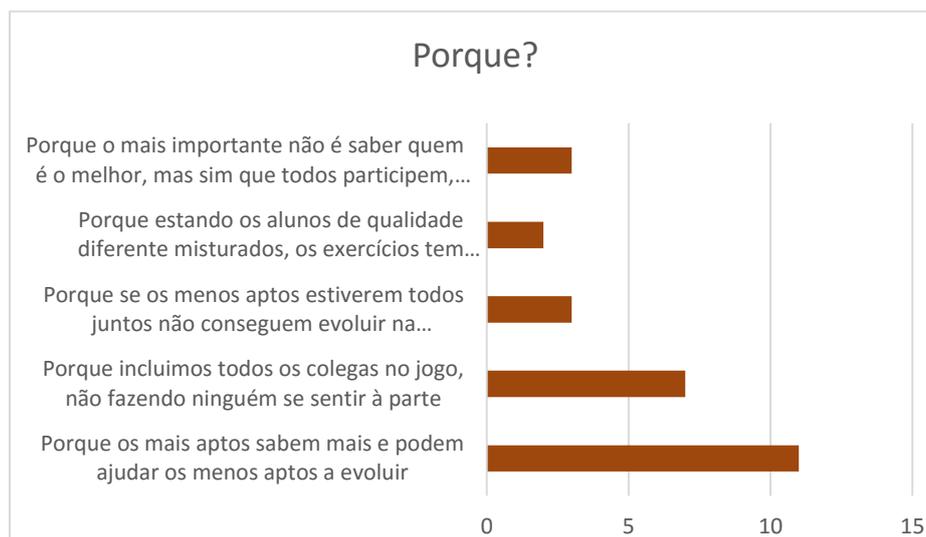


Figura 8- Justificações para a junção dos alunos mais aptos com os alunos menos aptos

No que diz respeito a relação entre os alunos federados e ex federados, 11 alunos apenas referem que se deve separar os mais aptos dos menos aptos, apresentando razões principais “porque os menos aptos só atrapalham” e “porque a qualidade dos alunos é semelhante e os exercícios tem mais competitividade”.

A maioria refere que se deve juntar os alunos mais aptos com os menos aptos apresentando como justificação “porque os mais aptos sabem mais e podem ajudar os menos aptos a evoluir” e “porque incluímos todos os colegas no jogo, não fazendo ninguém se sentir à parte”.

Discussão dos resultados:

A amostra é reduzida e, como tal não conseguimos verificar se há diferenças estatisticamente significativas, no que diz respeito ao género e tipo de modalidade. Por isso foram utilizadas tabelas de frequência, com verificação da predominância de respostas. Posteriormente verificamos que os resultados obtidos foram ao encontro da literatura existente.

Assim verificamos que as respostas vão ao encontro do estudo de Koka e Vira (2012), onde se observou que os alunos que faziam atividade física organizada fora da escola apresentavam valores superiores de satisfação das necessidades básicas de autonomia, competência e relacionamento positivo; Os resultados mostram que 65% dos alunos está mais motivado nas aulas em que é federado.

Murcia (2009), verificou as necessidades psicológicas básicas dos alunos têm de ser cumpridos e sua motivação autodeterminada estimulada, a fim de alcançar uma atitude mais positiva em relação à educação física.

Portanto, defende a criação de atividades e programas autonomia de apoio para adolescentes pode ser especialmente eficaz. Neste sentido, para fazer com que os alunos se sintam competentes, seria interessante para os professores de educação física fornecer feedback positivo, tornando-os conscientes de que sua habilidade sempre pode ser melhorada com trabalho e esforço, para promover os objetivos orientados para o processo (que são mais fáceis de atingir), e estabelecer objetivos moderadamente difíceis. Indo ao encontro dos processos de trabalho em grupo possíveis nas aulas. Os resultados mostram que os alunos na sua maioria acham que se deve trabalhar em grupos heterogêneos, e ainda se sentem úteis quando tem de ajudar, assim há a promoção do sentimento de autonomia. Os professores também devem tentar incentivar a interação entre os alunos, projetando atividades de cooperação, reflexivos e *groupbuilding*, com formas múltiplas e heterogêneas de agrupamento. Estes dados vão ao encontro do que a maioria dos alunos disseram no que diz respeito às estratégias de ensino em que a maioria defende que o trabalho deve ser em grupos heterogêneos para incitar à interajuda, e para que todos tenham o mesmo envolvimento na prática, não se sentindo excluídos.

Conclusão

Com a realização deste estudo posso concluir que os alunos se sentem mais motivados nas aulas de educação física quando é lecionada a matéria na qual são ou foram federados, gostam de ajudar os colegas e preferem que a aula seja organizada por tarefas e em grupos heterogêneos. E verificamos ainda que os alunos dão muita importância à demonstração.

Limitações do estudo

Consideramos que neste estudo houve algumas limitações nomeadamente, o número reduzido da amostra o que acaba por não ser suficiente para obter conclusões significativas. Acabamos por não conseguir fazer uma análise diferenciada entre géneros pois para além da amostra ser pequena ao realizar o teste de Manwithney não apresentou diferenças estatisticamente significativas, nem diferenças relevantes.

Também não realizamos uma análise na variável idade pois o grupo é homogéneo.

Destacamos ainda a limitação do estudo ser feito com base nas respostas dadas a um questionário em que pode acontecer as respostas serem tendencialmente dadas para aquilo que é o “politicamente correto”, o que pode influenciar negativamente os resultados.

A nosso ver no futuro aplicar este questionário a uma amostra maior poderia trazer conclusões relevantes e uma nova visão sobre este tema, tal como para além do questionário realizar a investigação também com base na observação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ano letivo foi repleto de aprendizagens significativas, um ano intenso e de muito trabalho.

Foram muito variadas as nossas ações, crescemos enquanto profissionais e a nível pessoal.

Destaca-se o nosso constante trabalho de equipa feito que facilitou certamente todo o processo ao longo deste ano.

Desenvolvemos capacidade de trabalho colaborativo e de cooperação. Desenvolvemos capacidade de liderança, adaptação e criatividade, capacidades estas que um professor deve possuir quando se apresenta perante uma turma, em que ao longo das aulas, as adaptações e ajustamentos são constantes.

Existiam algumas dificuldades, mas apesar destas nunca desistimos esforçamo-nos e demos o nosso melhor para as colmatar, pedindo ajudar quer entre nós, quer aos professor orientador Paulo Furtado, quer ao Professor Paulo Nobre e claro aos elementos do grupo disciplinar.

Esforçamo-nos realizando várias pesquisas e reflexões individuais.

O acompanhamento por parte do professor orientador Paulo Furtado, e todas as suas dicas e sugestões ao longo do ano, revelaram-se muito importantes para a melhoria das nossas intervenções pedagógicas.

Concluo por fim que foi um ano trabalhoso, mas conseguimos retirar dele as aprendizagens necessárias para sermos cada vez melhores pessoalmente e profissionalmente.

Bibliografia:

Bento, J. (1987). Planeamento e Avaliação em Educação Física. Livros Horizonte

Murcia, J., Coll, D., Perez, L.(2009). Self-Determined Motivation and physical education importance. Human Movement, 10 (1), 5-11.

Ministério da Educação e da Ciência, Decreto-Lei 240/2001 de 30 de Agosto.

Nobre, P. (2012). Desenvolvimento Curricular. Material de apoio da unidade curricular. Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Koka, A., & Hein, V. (2003). The impact of sports participation after school on intrinsic motivation and perceived learning environment in secondary school physical education. Kinesiology, 35, 5–13.

Koka, A., Roomet, V. (2012). Participation in afterschool sport: relationship to perceived need support, need satisfaction, And motivation in physical education. Kinesiology,44, 199-208.

Silva, E. (2014). Didática da Educação Física e Desporto Escolar. Material de apoio da unidade curricular. Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Anexos

Anexo 1- Avaliação Formativa (exemplo)

AVALIAÇÃO FORMATIVA DE FUTSAL																
Nº AULA/ NOME	3 e 4		5 e 6		7 e 8		9 e 10		11 e 12		13 e 14		15 e 16		17 e 18	
[]	+	Domina as componentes técnicas	+	Preocupa-se em ajudar os colegas	+		+	Boa atitude nos exercícios analíticos e aquecimento	+	Percebe o jogo	+	Realiza os movimentos táticos do futsal	Empenhado e participativo			
	-	Dificuldade no passe cavado	-		-	Muita brincadeira em alguns momentos	-		-		-	Algumas vezes individualista				
[]	+		+	Empenhada em melhorar dificuldades	+		+		+	Melhorias no posicionamento em campo	+		Mais competitiva e empenhada		Melhorias no passe e recepção	
	-	Dificuldade nos deslocamentos e posicionamento para receber a bola	-		-	Dificuldades na recepção e condução de bola.	-	Por vezes pouco empenhada	-		-	Passe e recepção			Continua com dificuldades na condução	
[]	+	Ocupação dos espaços	+		+	Realiza bem o passe	+	Realiza o passe e não fica parada	+		+	Empenhada	Melhorias no passe, recepção e remate		Já realiza bem os movimentos de jogo (cria linhas de passe)	

Anexo 2- Avaliação Diagnóstica (exemplo)

Aluno	10º ano															Nível		
	Unidade Didática: Voleibol																	
	Em situação de jogo reduzido																	
	Serviço por cima			Serviço por baixo			Manchete			Passe por cima			Remate					
	NE	E	EB	NE	E	EB	NE	E	EB	NE	E	EB	NE	E	EB			
	X			X				x			X		x				X	
X			X			X				X		X			X			
X				X			X			X			X		X			
X				X			X		X			X			X			
NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	
X				X			X			X		X			X			
X			X				X			X		X			X			
	X				X		X			X		X				X		
X				X			X			X		X				X		
	X				X			X			X		X				X	
	X				X			X			X		X				X	
X			X			X				X		X			X			
X				X			X			X		X			X			
	X				X		X				X		X			X		

Anexo 3- Avaliação Sumativa (exemplo)

Nº	Monte 10%				Desmonte 10%				Sequência gímnica Valor de 1-20					Elementos de solo/Ligação 30%					
	Não executada (2)	Executa (3/4)	Executa bem (5)	NOTA	Não executada (2)	Executa (3/4)	Executa Bem (5)	NOTA	Cumprimento dos requisitos 5%	Dificuldade das figuras 10%	Originalidade 10%	Execução geral 25%	NOTA	Correção técnica 10%	Controlo Postural 5%	Correção do elemento de ligação 5%	Dificuldade dos exercícios 10%	NOTA	Classificação final
1																			
2																			
3																			
4																			

Anexo 4- Questionário Tema Problema – Pré Questionário

<u>Identificação do Aluno</u>		
Nome:	Ano/Turma:	Idade:
Modalidade que és Federado:	Há quantos anos praticas:	
Já passas-te por outros desportos:	Quais:	

Questões

As perguntas seguintes dizem respeito às aulas de educação física que experienciaste relativamente à modalidade que tu praticas fora da escola e são de resposta aberta, portanto podes e deves escrever tudo aquilo que achas pertinente para responder às perguntas. Qualquer coisa que aches que não seja significativa, para nós pode vir a ser bastante importante.

1. Quando o teu professor está a lecionar a modalidade que praticas, sentes-te empenhado e com vontade de realizar todos os exercícios propostos por ele na aula ou desmotivado? Justifica.
2. Relaciona o teu empenho nas aulas com a cooperação que tenhas ou não com o resto da turma que não pratica a modalidade fora das aulas como tu praticas.
3. Como achas que o professor deveria organizar a aula? O que é que mudavas nessas aulas? (podes falar sobre exercícios, linguagem do professor, rigor, exigência do professor, etc.)
4. Alguma vez pensaste que podes ser um auxiliar de ensino? Ou seja, o professor dar-te a responsabilidade de ensinares os teus colegas de turma em que ajudas o professor na leção da modalidade em questão.

Obrigado pela participação

Questionário Tema-Problema

"Motivação dos alunos federados/ex federados nas aulas de Educação Física"

Este questionário é elaborado pelo Núcleo de Estágio de Educação Física da Escola Básica e Secundária da Quinta das Flores e tem como objetivo conhecer a tua motivação nas aulas de Educação Física, na(s) modalidade(s) em que és/foste federado. Pedimos a tua colaboração no preenchimento de todas as questões sendo que os dados, por ti fornecidos, serão tratados de forma confidencial. Não existem boas ou más respostas, portanto responde de acordo com aquilo que pensas e sentes.

I. Identificação do aluno

Idade:___ Sexo:_____ Ano/Turma:___
 Modalidade (1) em que és federado ou ex federado:_____ Nº de anos___
 Modalidade (2) em que és federado ou ex federado:_____ Nº de anos___
 Modalidade (3) em que és federado ou ex federado:_____ Nº de anos___

II – Motivação e preferências

1_ Define o teu grau de motivação quando praticas a modalidade em que és federado, nas aulas de Educação Física. (Assinala com um **“X”** a opção que responde à questão).

Nas aulas da modalidade em que sou federado(a) estou:		
1_1	Mais motivado(a)	
1_2	Ligeiramente mais motivado(a)	
1_3	Motivado(a) tal como nas outras modalidades	
1_4	Ligeiramente menos motivado(a)	
1_5	Menos motivado(a)	

2_ A partir das possibilidades seguintes diz-nos agora como te sentes nas aulas de Educação Física na modalidade em que és federado. (Assinala com um **“X”** o teu grau de concordância em cada frase entre 1 - discordo totalmente; e 7 - concordo totalmente).

Nas aulas da modalidade em que sou federado(a):		1 Discordo totalmente							7 Concordo totalmente
2_1	Sinto-me confiante	1	2	3	4	5	6	7	
2_2	Sinto-me confortável	1	2	3	4	5	6	7	
2_3	Sinto que é uma matéria mais fácil	1	2	3	4	5	6	7	

2_4	Sinto-me bem a praticar aquilo que mais gosto	1	2	3	4	5	6	7
2_5	Sinto que não aprendo nada de novo	1	2	3	4	5	6	7
2_6	Sinto que estou a aperfeiçoar as minhas habilidades para estar ainda melhor nos treinos da modalidade	1	2	3	4	5	6	7
2_7	Sinto que posso mostrar as minhas habilidades aos meus colegas	1	2	3	4	5	6	7
2_8	Sinto que os conteúdos das aulas são demasiado básicos	1	2	3	4	5	6	7
2_9	Sinto que posso ajudar os meus colegas	1	2	3	4	5	6	7
2_10	Sinto-me o melhor da turma	1	2	3	4	5	6	7
2_11	Sinto-me aborrecido ao ter de ajudar os meus colegas	1	2	3	4	5	6	7
2_12	Sinto medo de errar	1	2	3	4	5	6	7
2_13	Sinto que estou empenhado para ter melhor nota no final do período	1	2	3	4	5	6	7
2_14	Sinto-me indiferente	1	2	3	4	5	6	7
2_15	Outra (diz qual):	1	2	3	4	5	6	7

3_ Das modalidades que já praticaste nas **aulas de Educação Física**, indica por ordem de preferência as duas (2) que mais gostas de praticar (podes incluir a modalidade em que és/foste federado(a)):

1ª Opção: _____

2ª Opção: _____

III. Cooperação

4_ Nas aulas de Educação Física em que praticas a modalidade em que és federado, como classificas a tua cooperação (ajuda) com os colegas que têm menos habilidades que tu? (Assinala com um (X) a(s) opção(ões) que respondem à questão).

Ajudo:		
4_1	Sempre que percebo que devo ajudar	
4_2	Sempre que solicitado pelo professor	
4_3	Sempre que solicitado pelos colegas	
4_4	Nunca (se escolheres esta opção vai diretamente para a questão 7)	
4_5	Sempre que não interfere com a minha aprendizagem	
4_6	Outra (diz qual):	

5_ Se ajudas, de que forma o fazes?

		1						7
		Discordo						Concordo
		totalmente						totalmente
5_1	Chamando o professor	1	2	3	4	5	6	7
5_2	Ajudo os meus colegas dando-lhes conselhos	1	2	3	4	5	6	7
5_3	Ajudo-os mostrando as minhas habilidades	1	2	3	4	5	6	7
5_4	Procuo ajudar os meus colegas, demonstrando como se executa o exercício ou gesto técnico	1	2	3	4	5	6	7
5_5	Ajudo-os dando incentivos	1	2	3	4	5	6	7
5_6	Ajudo os meus colegas, procurando que eles tenham uma participação mais ativa na aula. (Exemplo: quando tenho bola procuro passá-la aos alunos que tocam menos vezes na bola)	1	2	3	4	5	6	7
5_7	Outra (diz qual):	1	2	3	4	5	6	7

6_ Quando ajudas, como te sentes?

		1						7
		Discordo						Concordo
		totalmente						totalmente
6_1	Sinto-me bem	1	2	3	4	5	6	7
6_2	Sinto-me realizado	1	2	3	4	5	6	7
6_3	Sinto que ajudei um colega a ultrapassar as suas dificuldades	1	2	3	4	5	6	7
6_4	Sinto-me indiferente	1	2	3	4	5	6	7
6_5	Sinto-me mal porque não gosto	1	2	3	4	5	6	7
6_6	Sinto-me útil	1	2	3	4	5	6	7
6_7	Sinto que estou a divulgar a modalidade que mais gosto, fazendo com que os meus colegas gostem do meu desporto.	1	2	3	4	5	6	7
6_8	Sinto-me um bom amigo	1	2	3	4	5	6	7
6_9	Outra (diz qual):	1	2	3	4	5	6	7

7_ Se respondeste à questão 5 e 6 passa para diretamente para a questão 8. A questão 7 é apenas para os alunos e alunas que não ajudam os colegas. Se não ajudas, assinala com um (X) o teu grau de concordância em cada frase.

Não ajudo porque:		1						7
		Discordo						Concordo
		totalmente						totalmente
7_1	Quando vejo os meus colegas a realizar algo de errado, sinto-me aborrecido	1	2	3	4	5	6	7
7_2	Sinto que interfere com a competição	1	2	3	4	5	6	7
7_3	Não gosto de perder tempo a ajudar quem não tem jeito para a modalidade	1	2	3	4	5	6	7
7_4	Sinto que não sei ajudar	1	2	3	4	5	6	7
7_5	Não quero interromper a minha prática para o fazer	1	2	3	4	5	6	7
7_6	Sinto que quando estão no meu grupo prejudicam o desempenho do mesmo.	1	2	3	4	5	6	7
7_7	Outra:	1	2	3	4	5	6	7

IV. Como melhorar as aulas

8_ Em relação à organização das aulas em que és federado, diz-nos agora quais as estratégias que consideras mais importantes para o bom funcionamento da aula e consequente aprendizagem de todos os alunos. Assinala com um (X) a opção que corresponde ao teu grau de concordância em cada frase (1 - discordo totalmente; 7 - concordo totalmente).

		1						7
		Discordo						Concordo
		totalmente						totalmente
8_1	Dedicar mais tempo às situações de jogo	1	2	3	4	5	6	7
8_2	Dedicar mais tempo aos exercícios analíticos	1	2	3	4	5	6	7
8_3	Exigir o mesmo dos diferentes alunos	1	2	3	4	5	6	7
8_4	Utilizar uma linguagem simplificada para os alunos com mais dificuldade	1	2	3	4	5	6	7
8_5	Separar os alunos mais aptos dos menos aptos	1	2	3	4	5	6	7
8_6	Juntar os alunos mais aptos e menos aptos	1	2	3	4	5	6	7
8_7	Em simultâneo realizar tarefas de diferente exigência para alunos com diferentes capacidades	1	2	3	4	5	6	7
8_8	Utilizar os alunos mais aptos para ajudar os colegas	1	2	3	4	5	6	7

8_9	Utilizar sempre demonstração dos exercícios quer seja pelo professor ou por um aluno	1	2	3	4	5	6	7
8_10	Outra:	1	2	3	4	5	6	7

9_ Relativamente à criação de grupos durante as aulas de Educação Física na modalidade em que és federado, justifica a tua opinião, consoante aches que se deve **separar ou juntar** os alunos com mais aptidões (mais aptos) com os alunos com mais dificuldades (menos aptos)? No quadro abaixo, seleciona com um (X) as alíneas que justificam a tua opção. Nota que podes escolher uma ou duas estratégias.

ESTRATÉGIA 1		ESTRATÉGIA 2	
9_1 <u>Separar</u> os mais aptos dos menos aptos		9_2 <u>Juntar</u> os mais aptos com os menos aptos	
9_1_1	- Porque os mais aptos não evoluem, estando no mesmo grupo dos menos aptos.	9_2_1	- Porque os mais aptos sabem mais e podem ajudar os menos aptos a evoluir
9_1_2	- Porque os menos aptos só atrapalham	9_2_2	- Porque incluímos todos os colegas no jogo, não fazendo ninguém se sentir de parte
9_1_3	- Porque os mais aptos não dão oportunidades para os menos aptos jogarem	9_2_3	- Porque se os menos aptos tiverem todos juntos não conseguem evoluir na modalidade
9_1_4	- Porque os menos aptos não querem aprender	9_2_4	- Porque estando os alunos de qualidade diferente misturados, os exercícios tem mais competitividade